Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro José Tavares de Macedo

SERMÕES VARIOS.

O author

D.lith

Lith. de Lopes R. N. dos M.es 2 e 4

José Caetano Gonçalves

SERMÕES

PRÉGADOS

POR

JOSÉ CAETANO GONÇALVES

Conego Capitular da Sé Primacial do Oriente,
Examinador Synodal, Desembargador da Relação Ecclesiastica, Vigario
Geral do Arcebispado de Goa, Cavalleiro da muito antiga e
nobre Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo,
Prégador de Sua Magestade Fidelissima, etc.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS,
Rua do Ferregial de Baixo, 22.

1872.

Senhor

A mais nobre das qualidades, que póde ter o coração do homem, o sentimento da mais pura gratidão pelos beneficios recebidos me anima e conduz á presença de VOSSA MAGESTADE, para, na minha profunda humildade, implorar a graça muito especial de acceitar benignamente, e de proteger com a sua Real benevolencia a publicação dos Sermões, que dedico e offereço a VOSSA MAGESTADE.

Não será certamente rejeitada esta minha offerta pelo pouco valor, que ella tem; antes sim espero, que, attendendo só e unicamente ao testemunho publico de gratidão, que deseja dar um subdito, que Vossa Magestade tanto Se tem Dignado honrar e engrandecer, a minha supplica será favoravelmente acolhida, como costumam ser as de todos os portuguezes, que n'este intuito se acercam do augusto Throno de Vossa Magestade.

Beija a Regia Mão de Vossa Magestade

o subdito fiel e agradecido

José Caetano Gonçalves.

SERMÃO DO MANDATO

PRÉGADO

NA CAPELLA REAL DO PAÇO DE NOSSA SENHORA D'AJUDA

NA PRESENÇA DE

SUAS MAGESTADES

E ALTEZAS

Em Quinta foira Maior, 28 de Março do 1872.

SERMÃO DO MANDATO

Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.

Jesus Christo deu aos homens todas as provas do seu amor.

S. JOÃO, 13.

SENHOR

A ignorancia é o maior, e o mais perigoso inimigo da religião christã; e ella tem sempre mais a temer d'aquelles, que a não estudam, para não cumprirem os seus preceitos [1], do que d'aquelles, que indagam com um espirito prevenido os seus fundamentos, para depois se apresentarem como adversarios d'ella. A obra sublime, e tão admiravel do Filho de Deus feito homem, soffre mais na sua efficacia, pelo esquecimento e pelo desprezo dos que se querem chamar christãos, do que pelos sophismas

[1] Noluit intelligere ut bene ageret. Psal. 35, 4.

d'uma falsa philosophia, ou pelos sarcasmos volterianos, dos que se dizem inimigos d'ella.

Os grandes homens foram sempre sincera e profundamente religiosos; e sem recordar agora Chrysostomo, Agostinho, Jeronymo e tantos outros Padres e Doutores da Egreja, eu poderia em abono d'esta verdade, citar os nomes de Neuton, Leibnitz, Paschal e de muitos outros homens sabios d'uma épocha, que ainda não passou ha muito. Só nas épochas e nos paizes, onde infelizmente o nivel intellectual da maioria dos que sabem ler, não se eleva além da altura do romance imaginario, só n'essas épochas e n'esses paizes, é que a incredulidade póde alcançar as tristes honras da moda. A incredulidade é a negação, e a negação é a ignorancia. Negar as verdades da religião christã, custa pouco, e o que pouco custa, muitos o fazem. Não admira!

A Egreja Catholica, porém, que é a fórma mais exacta, e mais simples da religião christã, avaliando devidamente o mal, que produz na sociedade o esquecimento das verdades religiosas, ella, na sabedoria admiravel do seu modo de proceder, tem instituido as santas solemnidades do seu culto, e encarregado os seus ministros, umas vezes de ensinarem, outras vezes de só lembrarem aos christãos, as doutrinas e os exemplos, que Jesus Christo nos dera, como norma das nossas acções e caminho seguro para a vida de eterna felicidade.

E entre as solemnidades do culto catholico, ha por ventura alguma outra, que deva, que possa comparar-se com aquella, que n'esta hora estamos celebrando? Ha por ventura alguma outra, que d'um modo mais conveniente e attractivo melhor se apresente, tanto á nossa intelligencia, como ao nosso coração? Ha por ventura alguma outra, que mais forte e docemente captive o nosso entendimento e disponha a nossa vontade em favor das verdades do christianismo?

Entremos, Senhores, entremos em espirito no Cenaculo de Jerusalem, contemplemos com humildade o Salvador do mundo, instituindo o augusto Sacramento dos nossos altares, e nós sahiremos convencidos, que n'esta mysteriosa e tão admiravel instituição Elle nos tem dado as ultimas provas do seu amor. *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Eu, porém, não tenho, eu não devo, nem posso ter hoje a ousada pretenção d'ensinar as verdades da religião catholica aos Augustos Soberanos do meu paiz, que herdeiros da piedade dos seus maiores, tantas provas tem dado sempre do seu sincero e profundo sentimento religioso; não tenho, não devo ter a ousada pretenção de instruir a côrte do meu Rei n'aquellas verdades, que fazem o objecto da sua crença illustrada, e que ella tantas vezes tem ouvido annunciadas por ministros mais habeis, e mais aucto-

risados sobre este logar santo, que eu agora indignamente occupo.

Eu venho hoje, unicamente no desempenho do meu ministerio sagrado, commemorar com os meus ouvintes, a instrucção e o exemplo, que o Divino Mestre dera a seus discipulos no Cenaculo de Jerusalem, expandindo toda a grandeza do seu affecto, e deixando-lhes na instituição do Sacramento da Eucharistia, a maior prova do seu amor. *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

Senhor! Reconheço, que a grandeza e a sublimidade d'este assumpto excede muito os estreitos limites da minha pequena esphera intellectual; mas a grande benevolencia do real animo de Vossa Magestade para com todos os portuguezes, me anima e dá força para, auxiliado com a graça divina, desempenhar n'esta hora as funcções difficeis do meu ministerio sagrado, pedindo e esperando merecer a mais benevola attenção de todos os meus ouvintes, durante o discurso, que já principio.

A religião christã, disse o sabio auctor do Espirito das leis, parecendo ter unicamente por seu objecto a felicidade do homem na outra vida, é tambem n'este mundo a causa poderosa e efficiente da ordem e do bem estar dos povos. E porque, Senhores? Porque a religião christã, como diz Benjamin Constant, é o centro commum, onde se reunem, isemptas da acção do tempo, e dos effeitos do erro, as verdadeiras idéas da justiça, da liberdade, do amor, que constituem n'esta vida transitoria, a grandeza, a dignidade e a felicidade da especie humana: porque a religião christã é a tradição permanente e viva de tudo, quanto é bello, grande e digno de respeito: porque a religião christã, sendo a voz eterna, que chama o homem do presente para o futuro, da terra para o céo, é o recurso supremo de todos os opprimidos em todas as situações, é a ultima esperança da innocencia sacrificada, é o mais doce e poderoso auxilio da fraqueza abandonada a si mesma.

Fundada na base larga e solida do amor e da liberdade, a religião christã fará sempre a felicidade e a admiração, dos que a comprehendem bem na sublimidade das relações, que ella estabelece entre Deus e os homens, entre o tempo e a eternidade; e para que ella seja bem comprehendida, bastará ser sufficientemente estudada; porque a religião christã,

se é a mais conforme aos sentimentos d'um coração bem formado, é ao mesmo tempo a mais simples e a mais comprehensivel nos fins, que ella se propõe alcançar, e a mais conforme á nossa razão na maravilhosa economia dos meios, que ella emprega para conseguir a felicidade eterna do homem, seu principal objectivo.

Deus é o amor, disse o Apostolo S. João, *Deus charitas est*[1]. E só pelo amor é que se póde fazer e conservar a união mystica e sagrada entre Deus e os homens. *Et qui manet in charitate in Deo manet, et Deus in eo.* Só pelo amor é que Jesus Christo se offereceu ao Eterno Pae, para ser o nosso Salvador. Só pelo amor é que se poderia operar a redempção do mundo, e chamar docemente, irresistivelmente ao conhecimento das verdades eternas, que devem servir de norma ás nossas acções. *Plenitudo legis est dilectio*[2].

Póde afoutamente chamar-se ao Evangelho a lei do amor; porque todos os preceitos d'este Codigo Sagrado exhalam um aroma suave de caridade, que tanto agrada e captiva o coração do homem, que o aspira e devidamente sabe apreciar. Não disse, não affirmou o Divino Mestre, que no primeiro preceito do Decalogo, que nos manda amar a Deus, e ao proximo como a nós mesmos, se achava essencialmen-

[1] S. Joan Epist. 1.ª, 4, 16.
[2] S. Paul. Epist. ad Romanos, 13, 10.

te comprehendido tudo quanto a lei havia estatuido, tudo quanto os prophetas tinham annunciado em ordem á observancia d'ella? *Diliges Dominum Deum tuum, et proximum sicut te ipsum, et in iis duobus mandatis universa lex pendet et prophetæ*[1].

Mas agora, Senhores, da these passemos á hypothese, do campo dos argumentos á exposição dos factos; porque são elles os motivos mais poderosos das nossas convicções; e não ha razões theoricas, que possam oppôr-se-lhe e resistir com vantagem. Jesus Christo não só nos ensinou, que a base da sua religião era o amor, mas elle nos deu tambem as provas mais exuberantes e concludentes d'esta verdade. Recordemos, Senhores, recordemos algumas d'ellas; porque a sua recordação nos deverá ser util e proveitosa n'este logar, n'esta hora, n'esta solemnidade tão grande, tão pomposa, tão digna e propria do seu objecto.

Puro e sagrado, como o tabernaculo do Senhor, não fazendo respirar em todas as suas acções, senão o perfume suave do amor de Deus e da humanidade, Jesus Christo em todos os lances da sua vida santissima, em suas prégações, em seus exemplos, e em seus milagres, mostrou sempre, que elle não tinha em vista senão a gloria de seu Eterno Pae, e a felicidade dos homens, obrigando-os pela força da sua palavra, e pelo ascendente maravilhoso das suas vir-

[1] S. Math. Evang. 22, 40.

tudes, a seguirem a sua doutrina e a imitarem o seu modo de proceder, que elles não podiam deixar de reconhecer como admiravel e proveitoso.

E com effeito, se na tenra idade de 12 annos, achando-se em Jerusalem, elle se aparta da companhia dos seus paes, não é senão para, no famoso templo de Salomão, expôr a verdadeira doutrina aos proprios doutores da lei, e assim glorificar o seu Eterno Pae. *Invenerunt illum in Templo in medio doctorum, audientem illos, et interrogantem eos*[1]. E quando Maria, sua Santissima Mãe, cuidadosa e afflicta, lhe pergunta amorosamente, porque razão Jesus Christo se havia separado da sua companhia, elle lhe dá esta admiravel resposta. — Não sabeis vós, Minha Mãe, que o cumprimento dos nossos deveres para com Deus está ainda primeiro que as obrigações para com os nossos paes? *Nesciebatis, quia in iis, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?*

O primeiro acto pois da vida publica de Jesus Christo é um grande e proveitoso ensino para todos os homens, qualquer que seja a sua posição social n'este mundo. O cumprimento dos nossos deveres para com o Creador está sempre primeiro, e primeiramente deve ser satisfeito, que as nossas obrigações para com as creaturas; e a opinião ou pratica contraria a esta verdade tem sido sempre a causa mais poderosa e efficiente da decadencia moral das

[1] S. Luc. Evang. 2, 46.

nações e da infelicidade dos povos. Quando se esquecem ou desprezam as leis de Deus, mal se podem ter presentes e observar as leis humanas. E Jesus Christo, que verdadeiramente amava aos homens, quiz com a sua doutrina e com o seu exemplo mostrar-lhes o caminho, que deviam seguir para serem eterna e temporalmente felizes.

Em um certo dia alguns filhos d'Israel, invejosos da grande popularidade, que Jesus Christo ía ganhando na Judéa, trazem á sua presença uma infeliz mulher, que diziam ter faltado aos sagrados deveres da fidelidade conjugal, para que elle na fórma da lei a condemnasse a ser apedrejada. O Filho de Deus, porém, conhecendo a malicia dos accusadores, e que o zelo pelo cumprimento da lei moysaica não era o movel das suas acções, volta-se para elles, e diz-lhes: se esta mulher commetteu o crime, de que é accusada, a lei manda que seja apedrejada, e se algum de vós está innocente, que seja elle o primeiro a executar a lei.

Ninguem, Senhores; nenhum dos accusadores levanta a mão contra a triste accusada, todos se retiram confundidos e envergonhados. E então Christo, levantando os olhos da terra, onde por algum tempo os tinha fixado, para escrever palavras que nunca alguem soube, diz á triste desgraçada: Mulher, os teus accusadores não te condemnaram? Nenhum, Senhor; nem eu tambem te condemno. Vae em paz

e emenda-te. *Vade in pace, et jam amplius noli peccare* [1].

Admiravel exemplo de justiça e de misericordia foi este, Senhores, que só o amor sabe obrar, que Jesus Christo deu aos homens para os instruir no cumprimento das suas obrigações, e que deveria estar sempre presente á memoria d'aquelles, que fazem, ou que se acham encarregados de executar as leis d'uma nação civilisada. O propheta Rei já muitos seculos antes tinha dito: quando a misericordia se encontra com a verdade, a justiça e tranquillidade dos povos, se dão o osculo da mais santa e mais admiravel harmonia. *Misericordia et veritas obviaverunt sibi, justitia et pax osculatæ sunt* [2].

Em outra occasião alguns individuos de uma certa classe de cidadãos, interessada em que não fosse por diante a reforma social, que Jesus Christo se propunha operar para felicidade dos povos, procurando compromettel-o publicamente, já que a santidade da vida do homem Deus tornava baldados todos os esforços da calumnia organisada; perguntam-lhe cavilosamente, diante de grande numero de pessoas, se era licito e deviam pagar-se os tributos, que o governo exigia? *An licet censum dare Caesari an non* [3]? Christo porém conhecendo toda a malicia e todo

[1] S. Joan. Evang. 8, 11.
[2] Psalm. 84, 12.
[3] S. Math. Evang. 22, 17.

o alcance d'esta pergunta feita de má fé, pede-lhes um exemplar da moeda corrente na Judéa, e mostrando-lhes a effigie do Imperador n'ella gravada, pergunta-lhes: O que representa esta imagem? Representa a Cesar, dizem elles; pois então dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que lhe pertence. *Cujus est imago hæc et superscriptio? Caesaris. Reddite ergo quae sunt Caesaris, Caesari: et quæ sunt Dei, Deo* [1].

Admiravel instrucção, filha do amor e tão necessaria á verdadeira prosperidade dos povos, que não podem viver tranquillos e felizes, se não forem tementes a Deus, e obedientes ao seu soberano, ao seu governo, e ás leis do seu paiz. Fóra d'este principio, tão altamente proclamado pelo Divino Fundador da religião christã, no interesse da sociedade civil, tudo é confusão, tudo é desordem, desgraça é tudo. As theorias mais seductoras não produzem o effeito desejado; os esforços mais louvaveis são inuteis; os planos mais bem combinados não poderão nunca obter um resultado completo e satisfatorio, onde as idéas religiosas não forem devidamente attendidas e acatadas. A sociedade humana, que pretende constituir-se e conservar-se, se não tomar por base da sua constituição e da sua conservação os deveres do homem para com Deus, será uma obra sempre incompleta, defei-

[1] S. Math. 22, 22.

tuosa e inconveniente. *Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam*[1].

Abrindo seu coração ao mais puro sentimento do amor para com os homens, Jesus Christo resuscita a Lazaro, seu amigo; desprezando o escandalo pharisaico entra em casa de Zacheo, o agiota d'aquelles tempos, que se mostra arrependido; contra a opinião dos seus discipulos, perdôa á mulher peccadora, que lava com as lagrimas seus passados desvios, e declara publicamente que lhe são perdoados muitos peccados, porque é grande o seu amor. *Quoniam dilexit multum*[2].

Os seus milagres, diz o sabio Bispo de Meaux, o grande Bossuet, apresentam um caracter mais de bondade que de poder; e sempre cheio da mais ardente caridade para com os que soffrem, Jesus Christo dá vista aos que eram cegos, restitue o movimento aos que estavam tolhidos, dá falla aos que eram surdos, cura os enfermos, resuscita os mortos, faz sempre o bem, e o faz a todos os que, confiando no seu amor pelos homens, e no seu poder para lhes fazer o bem que pedem, recorrem a elle.

Aproximava-se, porém, o tempo e a occasião mais propria de Jesus Christo dar aos homens as ultimas e as maiores provas do seu amor. Os dias da redempção do mundo eram em fim chegados, e o Filho do

[1] Psalm. 126, 1.
[2] S. Luc. Evang. 7, 47.

Homem, como algumas vezes elle se appellidava, devia voltar ao seio do seu Eterno Pae, d'onde havia sahido para restituir á humanidade o primitivo direito da bemaventurança, perdido pela desobediencia do primeiro humano. Os oraculos dos prophetas estavam a ponto de cumprir-se, e a presagiosa attenção do mundo, concentrada na esperança d'um Salvador, attingia o seu objecto. A conjuração dos inimigos de Jesus Christo estava urdida, o plano da perseguição approvado, o traidor escolhido, e o preço vil da traição aleivosa já entregue e pago. Tudo pois estava preparado e disposto para o maior dos acontecimentos, que os seculos tem visto e admirado.

O Divino Mestre, que tudo sabia, quer despedir-se de seus discipulos, que ainda tudo ignoravam: mostra-lhes o mais affectuoso desejo de celebrar com elles as solemnidades da paschoa, e com elles se reune no Cenaculo de Jerusalem: lava-lhes os pés, dando-lhes o maior e mais proveitoso exemplo da humildade, d'esta virtude que é tão propria, e assenta tão bem nos grandes da terra, nos ministros da Egreja, e em todo o homem christão; e assim os prepara para a celebração do mais sublime e do mais augusto dos mysterios da religião christã.

Depois de uma longa, interessante e amorosa instrucção, o Filho de Deus declara, que vae deixar a companhia de seus discipulos, que anciosos lhe perguntam a causa da sua ausencia. Pede ao Eterno

Pae, que elle sempre tem glorificado, que n'esta hora tão solemne glorifique o seu Filho; dá-lhe ferventes acções de graças, depois da ceia do cordeiro paschal, e sentando-se outra vez, assim falla a seus discipulos afflictos, anciosos, anhelantes de saberem, quaes eram as intenções do Divino Mestre.

Meus filhos, lhes diz elle affectuosamente, meus filhos, vou retirar-me do meio de vós para voltar ao seio do meu Eterno Pae. *Vado ad Patrem*[1]. Mas o meu amor não consente que eu vos deixe orphãos sem pae, sem mestre, sem guia, sem protector. *Non relinquam vos orphanos*[2]. Viver com os homens para fazer a sua felicidade foi sempre o meu mais intenso e sincero desejo. *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum*[3]. E por um milagre do amor eu ficarei na vossa companhia até ao fim dos tempos. *Ecce enim vobiscum sum, usque in consummationem sæculi*[4].

E então assim fallando, abençôa o pão que em suas sacrosantas mãos sustentava, reparte-o pelos seus discipulos, dizendo-lhes: Aqui tendes, tomae e comei, este é o meu corpo. *Hoc est enim corpus meum*[5]. E para que eu possa habitar sempre entre

[1] S. Joan. Evang. 14, 28.
[2] Ibidem, 14, 18.
[3] Proverb. 8, 31.
[4] S. Math. Evang. 28, 20.
[5] Ibidem, 26, 26.

os homens, renovae muitas vezes esta ceia mysteriosa. *Hoc facite in meam commemorationem*[1].

Eis-aqui, Senhores, tudo quanto o amor d'um Deus soube e pôde fazer a favor dos homens — eis-aqui a maior prova que Jesus Christo nos podia dar para mostrar quanto nos amava. Não; maior testemunho do amor, maior excesso de caridade não é possivel alguem ter, ou imaginar-se. *Majorem hac dilectionem nemo habet*[2]. N'este augusto Sacramento não são dadas ao homem as riquezas da terra, mas os thesouros da vida eterna; não é o pão que produz uma simples nutrição, é o pão dos Anjos que prepara a nossa alma, e lhe dá força para subir ao céo: Jesus Christo na instituição d'este Sacramento deu-se a si proprio, que mais nos podia elle dar, que maior beneficio nos podia fazer o seu amor?

Era já muito, Senhores, ter elle dado aos homens o conhecimento da sua doutrina, que nos concede a vida eterna; era já muito ter dado aos homens os exemplos mais persuasivos para a pratica da virtude; mas o Filho de Deus feito homem, ainda não estava satisfeito com tantas provas de bondade. Na sua sabedoria infinita, no seu amor sem limites, elle quiz dar-nos, n'este augusto Sacramento, o seu corpo, o seu sangue, a sua alma, e a sua divindade, para, em virtude d'elle, o homem passar a ser Deus,

[1] S. Luc. Evang. 22, 19.
[2] S. Joan. Evang. 15, 13.

e Deus a ser homem. Ó mysterio insondavel do amor do meu Deus, tu me confundes, mas tu me consolas, e eu te adoro!

Esta solemnidade, porém, Senhores, é por excellencia chamada na lithurgia catholica a solemnidade do *Mandato*. E que mandato será este? É o mandato do amor reciproco entre os homens. *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem*[1]: é o preceito sincero e efficaz do amor dos nossos similhantes, corroborado com o exemplo de Jesus Christo. *Exemplum enim dedi vobis*[2].

E quanto não são santas e saudaveis as conclusões, que devemos tirar d'este preceito, d'este exemplo do Filho de Deus feito homem? Elle quer, elle ordena n'este preceito, que os grandes da terra sejam os protectores dos desvalidos, que os ricos sejam o soccorro dos pobres, que os sabios sejam os guias dos ignorantes, que os felizes d'este mundo consolem os que soffrem, os que padecem, que todos se auxiliem, que todos se amem mutuamente. *Ut diligatis invicem.*

Dae, disse Elle, e vós recebereis tambem. *Date et dabitur vobis*[3]. Imitae o exemplo de Jesus Christo, e vós sereis seus verdadeiros discipulos. Acaso não podeis vós dar vista aos cegos, falla aos mudos, movi-

[1] S. Joan. Evang. 13, 34.
[2] Ibidem, 13, 15.
[3] S. Luc. Evang. 6, 38.

mento aos paralyticos, saude aos enfermos, vida aos mortos? Mas podereis talvez fundar ou auxiliar hospitaes, onde a humanidade enferma e pobre possa achar o allivio nas suas enfermidades, e ainda evitar muitas vezes ser victima da miseria e do abandono.

Dae, disse Jesus Christo, e vós recebereis tambem. Não podeis acaso chamar a Lazaro da sepultura, onde dormia o somno da morte? Podeis talvez valer aos innocentes e livral-os da morte moral, que traz comsigo o vicio e a falta da educação religiosa, dotando ou auxiliando asylos para a mocidade desvalida da fortuna. Não podeis acaso multiplicar milagrosamente o alimento dos pobres, para que ninguem padeça a fome, podeis talvez repartir com os que necessitam d'abundancia da vossa meza. Dae, Senhores, dae o que fôr compativel com as vossas circumstancias, dae voluntaria e alegremente o que vos fôr possivel dar aos necessitados, gozae a consolação sem egual, que sente a nossa alma, quando pratica a virtude da caridade, porque Deus se agrada dos que assim obram. *Hilarem datorem diliget Deus*[1].

Assim como a agoa apaga o fogo, diz o Ecclesiastico, assim a esmola extingue o peccado[2]. Sêde compassivos para com os vossos similhantes, soccorrei-os nas suas necessidades, dae-lhes a vossa esmola, e vós

[1] S. Paul. 2, ad Cor. 9, 7.
[2] Ignem ardentem extinguit aqua: et eleemosina resistit peccatis. Eccles. 3, 33.

recebereis em paga a vida eterna. *Date et dabitur vobis.* O que é grande, não negue aos desvalídos a sua protecção: o que é rico reparta com o pobre a sua riqueza: o que é sabio auxilie os que precisam, com os seus conselhos: e o grande, o rico, o sabio, todos nós, observando o novo Mandamento, que Jesus Christo nos deu em um dia como hoje, de nos amarmos uns aos outros, podemos e devemos dar o bom exemplo, que na sociedade humana é um grande e valioso dom. *Exemplum enim do vobis, ut quemadmodum ego feci, ita et vos faciatis.*

Disse.

SERMÃO

DA

PASCHOA DA RESURREIÇÃO

PRÉGADO

Na Sé Metropolitana Primacial do Oriente em 1868.

SERMÃO

DA

PASCHOA DA RESURREIÇÃO

SURREXIT.
S. MARC. 16.

A Tradição e as Escripturas são a base fundamental do systema religioso do Catholicismo, expressão singela, mas exacta da religião christã. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — A Tradição e as Escripturas são a base fundamental do systema religioso do Catholicismo, expressão singela, mas exacta da religião christã. São estas as duas solidas e formosas columnas, que pelo espaço de 19 seculos tem sustentado edificio tão magestoso, e que no correr dos tempos hão de conserval-o sempre inteiro, intacto e inabalavel.

Querer sustentar este edificio magnifico, levantado na terra á gloria de Deus por Jesus Christo, seu Filho, sobre uma só d'estas columnas, como tem pretendido os nossos irmãos chamados protestantes, seria fazer-lhe perder infallivelmente o seu equilibrio, a sua belleza, a sua magestade, e abrir porta larga

aos innumeraveis erros, com que hoje lucta o protestantismo, esse infeliz systema, que por toda a parte ameaça ruina.

Perguntae ao Dr. Pussey, distincto professor na universidade de Oxford, se a religião christã póde prescindir do apoio da Tradição divina!

Indagae a razão, por que o Dr. Colenso, actual Bispo protestante no cabo de Boa Esperança, nega a divindade de Jesus Christo; e sabereis que a Tradição é absolutamente necessaria para a demonstração das verdades da religião christã!

Os antigos incredulos negaram sempre o valor das tradições religiosas, e os modernos, cujos nomes se podem ler enfileirados na lista da subscripção, que presentemente se promove para levantar em París uma estatua a Voltaire, tambem rejeitam a necessidade d'ellas, dando-lhes o simples nome de legendas populares.

Não é novo, nem uma novidade para muitos de vós, este modo de combater a religião catholica, que a Inglaterra ensaiou, que a Allemanha aperfeiçoou, e que a França pela vantagem da sua lingua espalhou por toda a parte; nem tão pouco é tambem meu intento combater e destruir a falsidade d'este systema, em um dia como hoje, e na presença d'uma assembléa, que prima entre todas na sua orthodoxia, na sua sciencia, na sua piedade.

Ha 1835 annos, que, segundo o Evangelho d'este dia, um Mensageiro do Ceo, guarda incorruptivel do sepulchro do Salvador do mundo, apparecendo ás piedosas mulheres, que pressurosas corriam a este sepulchro glorioso, lhes fallava assim: «Jesus de Nazareth, a quem vós procuraes, já aqui não está; porque resuscitou, *surrexit.*» E este facto sobrenatural, e tão importante, referido nas Sagradas Escripturas, e confirmado pela Tradição constante da Egreja, que ha 1835 annos, em um dia como hoje o recorda solemnemente, está superior a toda a critica séria e conscienciosa, e deve ser considerado como a cupula do edificio do christianismo. Com este facto tudo se explica, sem elle nada se comprehende na religião christã.

Os oradores sagrados tem tomado diversos assumptos, discorrendo sobre a resurreição de Christo. Eu escolherei hoje o que me parece mais apropriado ás circumstancias do tempo, e da situação da Egreja Catholica, e entreterei a vossa attenção por alguns instantes, mostrando-vos, que a resurreição de Jesus Christo, sendo a prova mais concludente da sua divindade, mostra clara e terminantemente a verdade da religião christã, indefectivel na sua doutrina, e na sua duração.

Dae-me vós, meu Deus, a graça, que imploro, e vós, Senhores, as attenções, que espero merecer durante o discurso, que já principio.

Senhores. — Desde o dia em que a religião christã foi solemnemente promulgada aos homens, sempre houve quem procurasse oppôr-se ao seu progresso e desenvolvimento, contradizendo-a na sua necessidade, na sua verdade, na sua doutrina e na sua pratica. O mesmo Filho de Deus, feito homem, e que viera do Ceo á terra para salvar os homens, apezar da santidade da sua vida, da pureza do seu ensino, e da prova irrecusavel dos seus milagres, umas vezes foi considerado como impostor, outras vezes foi accusado como agitador das turbas; e a sua sabedoria infinita, e a sua justiça indefectivel não deixaram de ser mettidas á prova pelos seus inimigos, que maliciosamente duvidavam, ou pareciam duvidar d'ellas. O espirito seductor da mentira é de todos os tempos, e apparece em todos os logares.

Não é pois para admirar, que ainda hoje aconteça o mesmo, que se combata a religião, que ostensivamente se professa, e que se calumniem os ministros d'ella. O genero humano imperfeito por sua natureza creada, e ainda mais imperfeito pelo crime voluntario do seu progenitor, ha de ter sempre quem o honre, e quem o desacredite: ha de ter sempre quem faça brilhar os dons de Deus, por suas obras de sabedoria e piedade, e quem offereça a seus irmãos grossas pedras de escandalo nos caminhos da

vida por sua impiedade e por sua ignorancia; porque a incredulidade é a ignorancia.

Mas 19 seculos d'esforços reunidos, e de planos habilmente concertados entre os inimigos da religião christã, que sempre foram muitos e poderosos, não tem conseguido acabar com ella, ou ainda mesmo modificar os dogmas da fé, ou os principios da moral do christianismo; porque esses esforços tem vindo, como as ondas do mar, quebrar-se contra a verdade fundamental da divindade de Jesus Christo, seu auctor, manifestada principalmente pelo prodigio da sua gloriosa resurreição: porque estes planos tem falhado, logo que sahidos da região das trevas, tem apparecido á luz do sol da verdade da religião christã inconcussamente demonstrada pela divindade de Christo Resuscitado.

O poderoso raciocinio de todos os povos christãos tem sido, e será sempre este: Se Jesus Christo é Deus, e se elle é o auctor da religião christã; esta religião não póde deixar de ser uma obra divina; e por tanto necessariamente verdadeira. E este raciocinio é de uma fórma tão pura, e tão exacta, e de uma verdade tão evidente, e tão palpavel, que não admitte réplica possivel, sériamente fallando.

Tanta é a sua força de concluir, tão grande foi sempre a evidencia da sua conclusão, que o Apostolo das Gentes já dizia: = Se Christo não resuscitou, e não mostrou claramente pela sua resurreição,

que era Deus, então a vossa fé não tem fundamento, é cousa vã = *Si Christus non resurrexit vana est fides vestra*[1]. Mas se Christo resuscitou, e se pela sua resurreição elle mostrou, que era o filho de Deus; porque a sua resurreição é um acto só proprio de Deus, então a vossa fé tem o mais firme e solido fundamento da verdade, tem em si o cunho indelevel de divindade; a vossa fé é verdadeira.

Tanta é a força d'este raciocinio, tão grande é a sua evidencia entre os povos, que se agrupam em volta do estandarte precioso da redempção humana, que o sabio Bispo de Hermopolis[2] em uma das suas admiraveis Conferencias, tratando d'este objecto exclamou cheio de fé, e de santo enthusiasmo religioso: — Quem não crê na resurreição de Christo, não póde ser christão; quem acredita n'este prodigio da omnipotencia, não póde deixar de ser christão.

E assim é, Senhores, se, como o Anjo affirmára ás piedosas mulheres junto ao sepulchro glorioso de Jesus de Nazareth, elle verdadeiramente tinha resuscitado. *Surrexit.* Se é com justo fundamento que a Santa Egreja, ha 19 seculos, annual e constantemente solemniza a gloriosa resurreição de seu divino fundador; como poderão os povos christãos, como poderemos nós, que nos prezamos de ser christãos, deixar de ter como divina, e por tanto necessariamente como verdadeira, a religião Catholica Romana?

[1] Ad Cor. XV, 17.
[2] Frassinous, Conf.

Não póde ser; porque na operação logica das faculdades intellectuaes do homem póde haver erro occulto, mas nunca póde haver contradicção manifesta.

Senhores; eu tenho dito muito de proposito e pensadamente, que não podiamos deixar de ter como verdadeira a religião Catholica Romana; porque de todos os diversos systemas religiosos do Christianismo, é ella, sim, é ella a unica, que não tem sido falsificada, deturpada e accommodada á politica humana, como infelizmente tem acontecido a todos os outros systemas, que se tem separado da unidade da Egreja Romana, e da obediencia aos Pontifices Romanos.

Em toda a parte, porém, onde se sabe comprehender e observar a verdadeira liberdade civil, a religião Catholica ganha terreno, e se manifesta como o sol da verdade por entre as nuvens do erro, que as paixões, os interesses e a politica tinham amontoado em volta d'ella.

Na Inglaterra o movimento catholico é admiravel, é pasmoso, e leva após de si os homens mais illustres, e os espiritos mais illustrados. A jerarchia ecclesiastica romana, que tanta repugnancia encontrára no povo inglez, quando ha pouco fôra estabelecida, está hoje quasi officialmente reconhecida; e o celebre e já lembrado Professor de Oxford, na sua ul-

tima e recentissima publicação, só pede que o Concilio de Trento seja explicado com auctoridade, referindo-se á celebração do proximo Concilio Geral; achando-se o Dr. Pussey e seus discipulos dispostos a seguir o exemplo que lhes tem dado o famoso Arcebispo de Westminster, o Dr. Maning. As conversões se multiplicam, os estabelecimentos religiosos e de beneficencia augmentam o numero de um modo prodigioso; e quem sabe se este seculo não acabará sem que a Inglaterra seja catholica?

Na Allemanha, aquellas nações que até agora viviam inteiramente separadas do centro da unidade catholica, mostram evidentemente, que desejam aproximar-se d'elle, reconhecendo a necessidade d'uma auctoridade, que entre as tão diversas e divergentes opiniões dos homens, separe o erro da verdade, que possa haver n'ellas. É tardio, mas é saudavel e proveitoso o conhecimento d'esta verdade.

O Rei da Prussia, acceitando as representações dos seus subditos catholicos, reconhece a necessidade da independencia do Chefe do catholicismo; questão suprema, e pedra de toque dos verdadeiros sentimentos catholicos; mas tambem inevitavel pedra de escandalo para os falsos amigos da Egreja Catholica.

Na França, o dia 5 de dezembro de 1867, mostrou quanto se achavam já velhas e desacreditadas as doutrinas dissolventes e antireligiosas, que produziram a revolução de 1789, e que ainda hoje infelizmente são seguidas pelos Julios Fabre, pelos Renans, pelos exilados de Guernesey, [1] e pelos heroes dos dois mundos [2].

Não; a França ainda não perdeu o seu direito, e o seu privilegio tão honroso de filha mais velha da Egreja Catholica. E todas as nações da Europa mais ou menos curadas da febre revolucionaria, que as accommettêra, começam felizmente a voltar a idéas verdadeiras e mais favoraveis á verdadeira religião, a religião Catholica Romana; a esta religião santa, e que santifica o homem, a esta religião da qual dizia o celebre Montesquieu, que ella tinha a dupla vantagem de tornar os homens mais felizes, e os cidadãos mais perfeitos.

A Egreja Catholica, Senhores, possue a promessa da indefectibilidade da sua doutrina e da sua duração, e ella não mudará, nem acabará.

Como Jesus Christo, seu fundador, ella tem sido perseguida, e tem tido por muitas vezes a sua resurreição moral. Julião, o imperador apostata, persuadiu-se, que a Egreja Catholica estava morta, e ella resuscitou — *Surrexit* — Ario fez crer que a Egreja Catholica estava morta, e ella resuscitou — *Surrexit* — Mafoma fez crer que a Egreja Catholica estava morta, e ella resuscitou — *Surrexit* — a Reforma Protestante, illudindo uns, lisongeando outros,

[1] Victor Hugo.
[2] Garibaldi.

excitando a desordem entre as nações catholicas, fez crer que a Egreja Catholica estava morta, e ella resuscitou — *Surrexit.*

A Revolução de 1789, levando a toda a parte as suas idéas de impiedade, e os seus exercitos invasores, fez crer que a Egreja Catholica estava morta, e ella resuscitou — *Surrexit* — Masini, Garibaldi, Ratazi, e *tuti quanti* querem agora fazer acreditar, a quem os não conhece, que a Egreja Catholica está morta, mas ella resuscitará — *Surget.*

Esta é a convicção de todo o homem verdadeiramente christão catholico romano, e eu fallo assim; porque felizmente partilho esta convicção — *Credidi, propter quod locutus sum:* [1] e vós tambem que sois sabios e catholicos viveis certamente n'esta tão doce e tão saudavel persuasão.

Dêmos pois, Senhores, muitas graças a Deus por termos sempre conservado puros os nossos sentimentos religiosos e viva a nossa fé, ainda mesmo nos tempos, que tão adversos correram a esta Sé Primacial, pela sua longa viuvez, e ao Real Padroado, por causas que não convem, nem é necessario agora expender. Dêmos graças a Deus por este grande beneficio e mutuamente nos regozijemos n'este dia, em que a mesma crença nos tem juntado n'este templo, e em volta d'aquella cadeira primacial, centro da unidade da doutrina catholica n'esta Archidiocese de Goa e em todo o Indostão, n'Africa Oriental, na China e no Japão. Regozijemo-nos n'este dia; porque a mesma crença tem reunido n'este templo todas as classes e todas as jerarchias da sociedade portugueza: dêmos uns aos outros as boas festas paschaes, n'este dia alegre que o Senhor fez para sua gloria e nossa eterna felicidade — *Haec dies quam fecit Dominus exultemus, et laetemur in ea.*

[1] Psal. XC, 10.

É este um dos fins, que a Santa Egreja se tem proposto na celebração da presente solemnidade: são egualmente esses os meus ardentes votos no desejo sincero da vossa salvação eterna.

Disse.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GUIA

PRÉGADO

Na Egreja Parochial de Siolim, na comarca de Bardez, em 1868.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA GUIA

Scimus, quia verum est testimonium ejus.
Nós estamos certos, que é verdade o que elle nos diz.
S. JOÃO, 21, 24.

O bem e o mal não são dois principios distinctos, eguaes e parallelos, como affirmavam os Manicheos, e todos os que tem pensado como elles; mas são duas idéas que se oppõem, e que se encontram oppostas em toda a parte, em todos os tempos, e em todas as cousas creadas.

A verdade e o erro, a sciencia e a ignorancia, a fé e a incredulidade, a virtude e o vicio, a luz e as trevas, o prazer e a dôr, a ordem e a desordem, são idéas que se excluem, e que se contrariam no exercicio das faculdades intellectuaes e moraes da humanidade, e na existencia de todos os seres da creação. Quem segue a verdade, a sciencia, a fé, a virtude, a luz, a ordem ou harmonia, pratíca o bem; mas

quem se deixa arrastar pelo erro, pela ignorancia, pela incredulidade, pelo vicio, e pela desordem, não póde deixar de seguir e de praticar o mal. A historia, que é a mestra da vida, é tambem a prova d'esta verdade.

Procurar pois encaminhar os homens no conseguimento do bem pela instrucção, e pela exposição das verdades religiosas, é o dever do Sacerdote e o ministerio do Orador sagrado: é o fim da divina instrucção da Egreja Catholica, e a victoria do bem sobre o mal.

Foi este o exemplo, que nos tem deixado todos os grandes personagens, que Deus tem feito apparecer no mundo para guiar os homens nos caminhos da virtude, que vão dar ao reino dos Ceos. — Abrahão pela sua fé, Jacob pela sua benção, José pela sua sabedoria, Melchizedech pelo seu sacrificio, Moysés pelas suas leis, David pela sua penitencia, os Prophetas pelas suas revelações instruiram os homens na lei de Deus, e no cumprimento dos seus deveres, até que na plenitude dos tempos Jesus Christo, pelo seu exemplo e pela sua doutrina, e os Apostolos pelas suas prégações, mostraram a todo o homem, que vem a este mundo, a luz da verdade, o caminho da salvação eterna pela virtude da fé na palavra divina, que não póde enganar ninguem, como nos diz o Sagrado Evangelho. — *Scimus, quia verum est testimonium ejus.*

A santa Egreja celebra hoje a memoria de S. João, o Evangelista por excellencia, o discipulo amado, e tão digno de o ser, pelo Divino Mestre: mas a vossa devoção, a devoção do povo fiel d'esta grande freguezia de Siolim consagra seus louvores á Virgem Santissima, verdadeira Mãe de Jesus Christo, e Mãe adoptiva d'este discipulo amado, e na pessoa d'elle, de toda a humanidade. — *Ecce Mater tua.*[1]

E na confrontação d'estas duas idéas ha uma harmonia tão bella, e tão agradavel á nossa fé religiosa, que eu não posso deixar de fazer menção d'ella n'este logar santo, n'este dia festivo, n'esta hora solemne, na vossa presença respeitavel; e se eu a estas duas idéas tão harmonicas e tão bellas ajunto o titulo debaixo do qual vós tributaes tão solemnes cultos a Maria Santissima, a Senhora da Guia, eu encontro um todo tão excellente e tão sublime, que me faz admirar não só a piedade, mas tambem a sabedoria dos vossos illustres antepassados, celebrando a gloria da Mãe de Deus no dia, em que a Egreja celebra a memoria de João Evangelista, filho adoptivo de Maria, como o representante da humanidade junto da Cruz do Salvador do mundo. — *Ecce filius tuus.*[2]

D'esta sabia e feliz combinação de idéas, d'esta

[1] S. Joan. Evang. 19, 27.
[2] Ibidem, 19, 26.

tão bella harmonia religiosa, eu tirarei hoje todo o assumpto da minha humilde oração, mostrando-vos em brevissimo quadro, que Jesus Christo, dando ao discipulo amado a Maria Santissima por sua Mãe adoptiva, quiz bem visivelmente, que Maria fosse a guia do homem nos caminhos incertos d'esta vida, n'este logar da sua passagem para a eternidade, onde só se encontra a posse do supremo bem, que é Deus.

Senhor! Prostrado humildemente na vossa augusta presença, porque vós existis real e verdadeiramente n'essa Hostia sacrosanta, exposta ás nossas adorações, eu imploro com toda a confiança o poderoso auxilio da vossa graça, e ajudado por ella, eu espero merecer, Senhores, as vossas mais sérias e mais benevolas attenções, durante o pequeno discurso, que já principio.

Senhores. No meio de uma assembléa tão illustre, que se acha defronte, e aos lados d'esta cadeira evangelica, por excellencia chamada a cadeira da verdade, seja-me agora licito fazer esta pergunta: porque se mostra hoje em certos homens uma indifferença manifesta, um desdem mal encoberto pelos objectos mais sagrados, e pelos interesses mais respeitaveis da Religião Catholica? D'onde provém este mal, que tão graves prejuizos está causando na sociedade tanto religiosa, como civil?

Eu creio, Senhores, e não me engano, que elle provém da ignorancia das verdades religiosas, porque a impiedade, a incredulidade, o atheismo, a irreligiosidade, são a negação da verdade divina, são a ignorancia. Não se negam as verdades religiosas, porque se estudem, e se conheçam os motivos da negação, negam-se por ser moda a sua negação. Não é pois a sciencia, é a ignorancia o fundamento d'esta negação.[1]

E com effeito, se acaso se quizessem, ou soubessem estudar todas as bellas harmonias da Religião Catholica, se o excellente livro de Chateaubriand fosse mais conhecido dos que negam as verdades do Catholicismo, esta religião, tão santa, como ver-

[1] Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus. Psalm. 13, 1.

dadeira, teria menos inimigos, e seria maior o numero dos que a professam e a seguem na fé dos seus mysterios, e na pureza da sua doutrina moral; porque não é bastante, que se diga: eu sou christão Catholico Romano, é necessario, que as obras mostrem a sinceridade d'esta affirmação, e que a pratica dos preceitos prove a convicção da verdade da doutrina. O Propheta Rei já tinha anticipado esta minha asserção, quando disse: A ignorancia tem grande analogia com a loucura nos seus effeitos.

Se os que parecem desprezar os mais respeitaveis interesses da Egreja Catholica lessem desprevenidos a recente publicação de Guizot, que elle intitulou: = As minhas Meditações, = quanto não teriam a aprender de um protestante, de um estadista, de um politico consummado?

Deixemos, porém, Senhores, deixemos estes homens, que tem olhos, e não querem ver, e que dotados de razão vivem contentes na privação do exercicio da sua intelligencia. Não que a religião Christã os abandone, ou despreze; porque ella os chora e lamenta, esperando sempre a sua conversão; mas porque não é occasião opportuna para nos occuparmos d'este objecto, ainda que não possa desconhecer-se a sua importancia.

Voltemos a nossa vista, appliquemos a nossa consideração para o objecto sagrado da presente solemnidade; porque temos n'ella um grande estudo a

fazer, uma grande verdade que admirar, uma consoladora esperança que adquirir, contemplando a grandeza, a dignidade, a protecção de Maria Santissima, Mãe de Deus, nosso modelo, nosso exemplar, nossa guia nos caminhos emmaranhados e sempre incertos da nossa vida, e do nosso destino n'este mundo.

Oriunda da mais nobre descendencia dos antigos Soberanos de Judá, mas nascida na obscuridade de uma familia honesta, nunca a Santissima Virgem fizera valer os titulos da sua nobreza; e quando mais tarde o Anjo do Senhor lhe annunciou os seus altos destinos de Corredemptora do genero humano, ella exprimiu, e quanto não é admiravel a sua linguagem! no sublime cantico de acção de graças ao Altissimo, os sentimentos humildes da sua alma nobre. O Senhor, diz a Virgem de Nazareth, o Senhor attendeu, não á nobreza da minha illustre geração, mas á humildade da sua escrava, e por este motivo todas as gerações me chamarão bemaventurada: *Quia respexit Dominus humilitatem ancillae suae, ecce ex hoc beatam me dicent omnes generationes.*[1]

Aqui temos nós, Senhores, um exemplo bem palpitante, um modelo bem perfeito, um typo digno de seguir-se e imitar-se nas relações sociaes da vida humana. E no paiz, em que a Santissima Virgem nasceu, n'este paiz o mais antigo e o mais nobre do mun-

[1] S. Luc. Evang. 1, 48.

do civilisado, n'este paiz, que é o nosso paiz, quanto este exemplo não póde aproveitar, e não deve ser salutar, se fôr sinceramente imitado? Quanto não aproveitariam os filhos do Indostão, se comprehendessem bem tão perfeito modelo, para o seguirem? Virgem Santissima, nas condições sociaes dos povos d'Asia, vós sois, e vós deveis ser a nossa Guia.

Mãe do Verbo divino feito carne em suas purissimas entranhas, que delicados e constantes cuidados não observa a Santissima Virgem a respeito de Jesus seu Filho? As santas Escripturas, porém, pouco dizem, é verdade, da infancia do Salvador do mundo; mas dizem quanto é bastante para nós conhecermos a santa e esmerada educação, que Maria Santissima dava a seu Filho, que crescia tanto na edade, como na virtude, e que sendo já capaz de disputar admiravelmente com os doutores da Synagoga judaica, ainda merecia os assiduos cuidados, as ternas admoestações de Maria: *Fili, quid fecisti? Ego et pater tuus dolentes quaerebamus te.*[1] Meu filho, dizia ella a Jesus, meu querido filho, porque nos tens dado tantos cuidados? Cheios de amargura eu e teu pae te procuravamos por toda a parte. *Dolentes quaerebamus te.*

E quanto, Senhores, não seria proveitoso á religião e á sociedade civil, que as mães de familia aprendessem de Maria Santissima a educar seus filhos por

[1] S. Luc. Evang. 2, 48.

tal fórma, que elles crescessem na virtude á proporção que crescem na edade? Infelizmente, porém, muito infelizmente, digo eu, acontece hoje o contrario. N'estes tempos difficeis,[1] como lhe chama o Apostolo, a perda da fé parece anticipar-se á perda da innocencia, e, geralmente fallando, pelo descuido antireligioso e antisocial dos paes, seus filhos crescem no vicio á proporção que crescem na edade.

E a tão grande mal, que tão tristes resultados vae produzindo, eu não sei, Senhores, que possa oppôr-se outro remedio efficaz senão uma educação verdadeiramente, eminentemente religiosa, uma vigilancia activa e constante, exemplos de virtude e piedade por quem lhos deve dar. Virgem Santissima, assim como vós sois o exemplar mais perfeito da Mãe de Familia na economia domestica, na respeitosa submissão ao Esposo, e no cumprimento de todos os deveres maternaes, sêde tambem a sua protectora e o seu guia, atravez dos embaraços e das difficuldades, que os paes de familia christãos hoje encontram na educação de seus filhos.

Mas esta vida mortal, Senhores, é uma vida de provação, onde o homem justo tem de soffrer a má vontade d'uns, a inveja de outros, a calumnia de muitos, e a indifferença de quasi todos. Esta vida é uma téla matizada de diversas côres, onde as agruras e as tristezas excedem quasi sempre os prazeres e as ale-

[1] S. Paul. Epist. ad Tim., 3, 1.

grias, onde a dôr acompanha o homem desde o primeiro vagido ao nascer até ao ultimo suspiro antes da morte. Esta vida mortal é um campo de batalha entre o direito e a força, entre a virtude e o vicio, entre a bondade de Deus e a ingratidão dos homens: é o campo, onde o bem e o mal se debatem ou vencendo ou succumbindo, segundo os decretos da Providencia, que nós ignoramos, mas que permittem esta lucta para conseguimento dos fins, que Deus se tem proposto na creação do mundo.

No meio, porém, d'esta provação, d'este campo de batalha, d'esta arena marcada ao homem pela Providencia, quem nos ensinará a soffrer com resignação, a trocar as tristezas da terra pelas alegrias do Ceo, a ser gratos ao Creador pelo cumprimento dos nossos deveres, e a seguir o bem até á posse da felicidade eterna? Quem será o nosso exemplar, o nosso modelo, a nossa luz, a nossa Guia? É Maria.

Sim, é Maria Santissima, a Mãe de Deus, a quem vós hoje tão pia e devotamente tributaes estes cultos, estes louvores tão magnificos, que será sempre um exemplar perfeitissimo de todas as virtudes offerecido ao homem e á humanidade, de quem ella foi constituida Mãe adoptiva na pessoa do sagrado Evangelista S. João,[1] e que os vossos illustres antepassados, tendo em consideração esta santa harmonia das verdades da religião Christã, escolheram para sua pro-

[1] S. Joan. Evang. 19, 26. Ecce Mater tua.

tectora, e quizeram honrar de um modo mais particular. E com effeito:

Se o navegante no alto mar vê assustado aproximar-se a cerração da atmosphera, a tempestade, o perigo, a morte e a sepultura no meio das aguas agitadas do Oceano; quem n'esta escuridão medonha da vida é a sua luz, a sua guia? É Maria, esta brilhante estrella do mar — *Stella maris.*

Se o triste viajante em noite escura perdeu o caminho no meio do vasto deserto, ou d'espesso bosque; se os precipicios o esperam, se o rugido das feras o amedronta, se a sua vida está em perigo; quem será n'este lance, n'este lance terrivel da vida, a sua esperança, quem dirigirá com acerto seus passos vacillantes, quem será o seu guia? É Maria, esta brilhante estrella da manhã — *Stella matutina.*

No meio dos horrores da guerra, ao som horrivel d'uma artilheria raiada, d'uma fuzilaria Remington, quando por toda a parte se ouvem as imprecações dos que combatem, os gemidos dos que morrem, n'esta confusão, n'este horror, n'esta crise a mais violenta da vida; quem poderá defender o homem de ser victima do furor insano dos guerreiros? Quem poderá afastar para longe d'elle o anjo exterminador da morte, que adeja pressuroso nas fileiras dos belligerantes? Quem no meio de tamanha desordem e das espessas nuvens de fumo que envolvem os combatentes, poderá ser a esperança, a luz, o guia do solda-

do que combate? É Maria, esta torre da fortaleza christã, esta torre de David, onde mil escudos estão pendentes, para defender todos aquelles, que reconhecem sua grandeza, e se acolhem á sua tão valiosa protecção — *Turris fortitudinis, Turris Davidica.*

Quando, porém, no correr da nossa vida, a enfermidade, a terrivel enfermidade vem bater á porta da nossa casa, e apossando-se do nosso corpo, se augmenta e exaspera para nos entregar á morte, que só espera a ordem de Deus para descarregar o golpe e nos conduzir á presença do supremo Juiz dos vivos e dos mortos: quando os tenros filhinhos debulhados em lagrimas em volta do leito do querido pae, seu arrimo, seu protector, seu unico amparo, erguem ao Ceo suas mãos innocentinhas e imploram a misericordia de Deus, para que pela sua omnipotencia faça o que a sciencia dos homens é incapaz de obrar: quando a esposa afflicta, banhada em pranto amargo, une suas orações ás orações da innocencia; a quem se dirigem todos, para que seja o seu intercessor na presença do Altissimo? N'esta hora tão solemne, quando o afflicto moribundo vê já fugir a luz de seus olhos, n'este momento derradeiro, a quem recorre elle ainda? Qual será a luz, que o esclareça, e lhe mostre o porto da salvação? Quem será o seu melhor guia na viagem da eternidade? É Maria, esta consoladora dos afflictos, esta auxiliadora dos christãos, esta verdadeira medicina para os

enfermos — *Consolatrix afflictorum. Auxilium christianorum. Salus infirmorum.*

Deus te salve, Maria! Deus te salve, Mãe de misericordia, exclama a santa Egreja; tu és a nossa vida, tu és a nossa doce consolação, tu és a nossa unica esperança. — *Salve! Mater misericordiae, vita, dulcedo, spes nostra, salve!*

E o que eu acabo de dizer, nobres habitantes de Siolim, não será uma verdade pratica, reconhecida por todos vós? Serão acaso as minhas expressões jogo estudado de palavras, escolhidas figuras de rhetorica, disposição procurada de frases sem sentido, sem significação, sem alcance, sem proveito algum para vós e para a religião? Estarão os vossos corações tão mal dispostos para receberem as minhas palavras, como palavras de Deus, que eu infelizmente descerei d'esta cadeira da verdade sem ter conseguido o fim do meu ministerio sagrado, sem ter augmentado a vossa devoção, e a vossa confiança em Maria Santissima, a Mãe de Deus e nossa Mãe? Terão sido as minhas reflexões apenas sons articulados, e lançados ao vento do esquecimento e do desprezo?

Não serão, Senhores, Deus ha de permittir que não sejam; e a vossa piedade me é segura garantia, de que assim não acontecerá. O culto de Maria Santissima, a nossa esperança, a nossa luz, a nossa guia em todos os transes angustiosos da vida, continuará n'este templo, e cada vez mais augmentado, se é possivel.

Se antigamente os vossos paes tributaram agradecidos a Maria Santissima, a Senhora da Guia, os seus louvores, vós, herdeiros da sua piedade, não os deixareis esquecer. Se em outro tempo os vossos paes levantaram a Maria Santissima, a Senhora da Guia este templo famoso, para lhe render o culto solemne e religioso, que lhe é devido, vós seguireis o seu exemplo, cuidando diligentemente e com amor na conservação e no aceio d'elle.

Nobres habitantes de Siolim, Maria é nossa Mãe, nossa Mãe adoptiva, nossa Mãe doce, terna e carinhosa, nossa Mãe, dada por Deus aos homens. Teremos nós infelizmente n'esta vida esquecido dar a Maria Santissima testemunho do nosso filial amor, e invocar o seu auxilio? Mas ella é nossa Mãe, e saberá esquecer as nossas faltas. Temos nós offendido a Deus com os nossos peccados, desafiado com elles a justiça divina, e tornado indignos, de que Maria interceda por nós diante de seu filho Jesus Christo? Mas ella é nossa Mãe, e foi Deus mesmo quem a constituiu nossa Mãe.

E vós, Virgem Mãe de Deus, mostrae sempre, que sois a nossa Mãe, a Mãe dos afflictos, a Mãe dos peccadores — *Monstra te esse matrem;* e Deus, que para nos salvar quiz ser vosso filho, receba por vós as nossas orações, para que possam ser bem acceitas na sua divina presença. — *Sumat per te praeces nostras, qui pro nobis natus tulit esse tuus.*

Disse.

SERMÃO

DO

APOSTOLO DAS INDIAS

S. FRANCISCO XAVIER

PRÉGADO

JUNTO AO TUMULO DO MESMO SANTO,

NA EGREJA DO BOM JESUS, DA CIDADE VELHA DE GOA,

NA PRESENÇA DO

Excellentissimo Governador Geral, e mais Funccionarios superiores da India Portugueza, no anno de 1870.

SERMÃO

DE

S. FRANCISCO XAVIER

Qui crediderit, et baptizatus fuerit salvus erit.

A Fé e o Baptismo christão são condição essencial para salvação eterna do homem.

S. MARC. 16.

As verdades do Evangelho não são de simples theoria, são essencialmente praticas.—Ex.^mo^ Sr. Governador Geral.—As verdades do Evangelho não são de simples theoria, são essencialmente praticas. O divino Salvador do mundo, cuja sabedoria os seus proprios inimigos não tem contestado, veio ensinar aos homens a doutrina da salvação, e com tal precisão e clareza a prégou e ensinou, que a verdade d'ella, e a sua importancia tanto religiosa, como politica e social, é não só admirada, mas ainda tambem inculcada como modelo, pelos que se mostram menos affeiçoados ao systema religioso do Catholicismo — o mais simples, e o mais conforme com a doutrina evangelica.

Ide, disse Christo aos seus discipulos, ide, caminhae por entre todos os povos, percorrei todas as cidades, e todas as habitações dos homens, e dizei-lhes: que aquelles, que acreditarem na verdade da vossa palavra, que é tambem a minha palavra, e receberem a iniciação da sociedade, que eu vim fundar sobre a terra, serão salvos. — *Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae, qui crediderit et baptizatus fuerit salvus erit.*

E os discipulos de Christo, fieis ao seu ministerio, partiram, percorreram o mundo, e prégaram a palavra de Deus, e os povos que a escutaram attentos, foram salvos.

E quem obrou tão assignalada maravilha? Foi a Fé; porque é esta a primeira virtude do homem religioso, assim como deve tambem ser a primeira qualidade do homem social, ou do homem na sociedade.

Que empreza nobre e arriscada poderá ser emprehendida por quem não tiver fé viva no exito feliz d'ella? E qual é a base de toda a crença humana? É a Fé divina, é a crença na palavra de Deus revelada á humanidade. Quando o homem não crê em Deus, em que poderá elle acreditar? Quando os povos desprezam a sua crença religiosa, como poderão elles conservar a sua fé politica? Quem os poderá salvar d'anarchia das opiniões e da escravidão do estrangeiro?

Roma perdeu a sua fé religiosa, e pouco depois perdeu a sua fé politica; e a perda da sua fé politica, foi causa da perda da sua liberdade.

Se esta cadeira evangelica podesse, ou devesse ser convertida em tribuna popular, apontar-vos-hia um grande exemplo, que ao mundo inteiro está dando uma grande nação na Europa.

Celebramos hoje com a santa Egreja os louvores bem merecidos de Francisco Xavier, o grande Apostolo das Indias Orientaes, e este verdadeiro discipulo de Christo, comprehendendo a alta importancia da doutrina evangelica, possuido da virtude da fé mais ardente e mais generosa, obedecendo ao preceito do divino Mestre, atravessou os mares, percorreu todo o interior do Indostão, chegou á China e ao Japão, annunciando a grande nova da salvação dos homens. — *Euntes in mundum universum, praedicate Evangelium omni creaturae.*

A generosa virtude da fé o moveu e determinou a desempenhar a gloriosa missão de Apostolo nas Indias Orientaes: o seu zelo incansavel foi proveitoso a milhares de almas, que elle illustrou com a sua doutrina e o seu exemplo: os milagres, que são a linguagem mais expressiva da divindade, vieram confirmar a promessa d'aquelle, que mandou os seus discipulos prégar a todos os povos a doutrina da salvação, e os habitantes da India e da China ouvem com respeitosa devoção pronunciar o nome de Xa-

vier, tão celebrado na historia ecclesiastica do Indostão, e tão venerado por todos os portuguezes, que se prezam ainda de o ser.

O brilhante e numeroso concurso, diante do qual estou fallando, é prova terminante e incontestavel d'esta verdade.

E no brevissimo discurso, que vou recitar na vossa presença, procurarei desenvolver as poucas idéas, que acabo de expôr, não só confiado na graça de Deus, cujo poderoso auxilio invoco no mais profundo da minha humildade, mas tambem na vossa generosa attenção, que eu não só imploro, mas tambem confiadamente espero, e já principio.

Senhores: Perguntavam um dia a Christo seus Apostolos, porque não tinham elles podido curar um certo doente, e o divino Mestre não duvidou responder-lhes: Foi por causa da vossa incredulidade — *Propter incredulitatem vestram.*[1] Se acaso possuirdes a virtude da fé, não só podereis curar os doentes, mas ainda, se dissereis a este monte, que mude de logar, o monte se afastará.

Virtude generosa, cujo poder mais que humano, faz dos homens verdadeiros heroes, pois que a patria e religião são do verdadeiro heroismo as duas unicas causas, e o homem sem patria e sem religião, verdadeiro heroe, nunca, nunca elle poderá ser.

Com esta virtude fazem-se milagres, e sem ella.... só ha no homem o triste cortejo de interesses individuaes e de paixões mesquinhas, que bem longe de ennobrecer, só degradam até certo ponto a especie humana.

Francisco Xavier nos arreboes da sua mocidade não possuiu certamente esta virtude no gráu heroico, que o fez grande no reino dos Ceos, prégando a doutrina evangelica, e confirmando-a com o seu exemplo: — *Qui fecerit et docuerit hic magnus vocabitur in regno cœlorum.*[2] Se a historia não regista n'elle os desvios de Agostinho, tambem não refere, durante a

[1] S. Math. Evang. 17, 19.
[2] Ibidem, 5, 19.

primeira épocha da sua vida, os extases e os arrebatamentos dos Aleixos, ou dos Luizes de Gonzaga. No verdor dos seus annos não se nota, é verdade, a mancha de qualquer impureza nos seus costumes; mas as vaidades mundanas não eram profundamente aborrecidas por um mancebo, cujos talentos Deus tinha reservado para fazer brilhar no augusto candelabro da santa Egreja militante.

É no anno de 1534 e no Collegio de Beauvais em França, onde a graça, ou se vós quereis, Senhores, a misericordia de Deus, o chamou ao serviço da Egreja pela voz de Ignacio de Loyola, seu amigo e seu condiscipulo em outro tempo no Collegio de Santa Barbara em Paris.

Lisongeado na mais perigosa das vaidades humanas, no orgulho do saber mundano, cercado de respeitos e de discipulos, dispondo mesmo de uma certa abundancia de meios pecuniarios, o sobrinho do celebre Martinho Aspiculeta, mais conhecido pelo Doutor Navarro, e que tanto illustrou as lettras na Hespanha e na universidade de Coimbra, Francisco Xavier, quando se julgava no apogêo da sua gloria mundana, cahiu por terra, como a estatua de Nabucodonosor, ao ouvir estas poucas palavras do divino Mestre, que lhe recordava o seu amigo: — *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?*[1]

[1] S. Math. Evang. 16, 26.

Era tambem n'esta épocha para sempre memoravel nos fastos da sociedade portugueza, que o Senhor D. João III, tendo noticia do muito saber, e das grandes virtudes de Francisco Xavier, e querendo, como Rei catholico e piedoso, que a Cruz de Christo acompanhasse a espada dos seus guerreiros, para que a civilisação christã viesse justificar a violencia, com que extendia os limites do seu imperio no Oriente, determinára convidar alguns Padres da Companhia de Jesus para virem annunciar a nossos paes a nova da salvação eterna pela virtude da redempção humana, operada na Asia por Jesus Christo, mas desconhecida até ahi, ou antes esquecida e desprezada pelos habitantes da parte mais vasta e mais nobre do mundo.

E Francisco Xavier, animado pelo santo enthusiasmo da sua fé religiosa, veio para o Indostão, veio para Goa, que era então o emporio do commercio de toda a costa do Malabar, do golpho de Cambaia, do mar Vermelho, d'Arabia, da Ethiopia, da costa de Coromandel até Calcutá, até Daccá, das Molucas, das ilhas de Sonda, de Ceylão, da China, do Japão, de.... Basta, Senhores; o meu espirito patriotico ía-se exaltando com a gloria, que já passou, e que hoje infelizmente, bem infelizmente, só pertence á historia, e que eu agora recordo com saudade, que Vossa Excellencia, Senhor Governador Geral, e que vós todos, Senhores, que tendes nascido no reino de Portugal, na

nossa metropole politica, recordaes certamente com doloroso sentimento; porque esta gloria, que vos pertence, custou a vossos illustres avós muitos trabalhos, muitos sacrificios, muitas vidas, muitos actos de heroismo, que a geração presente não verá certamente repetir.

Tendo deixado Roma em 15 de Março de 1540, e sahido de Lisboa em 7 de Abril de 1541, acompanhado de Paulo Camarino e Francisco de Monsilla, munido de um Breve do Papa Paulo III, que o fazia seu Nuncio Apostolico em todo o Oriente, Francisco Xavier chegou a esta cidade, e desembarcou alli nos caes d'Alfandega, que hoje está reduzido a um palmar, em 6 de Março de 1542, da frota portugueza, em que vinha o Vice-Rei D. Affonso de Sousa.

Não é meu intento, nem convem obscurecer o quadro brilhante das acções heroicas de Francisco Xavier com as côres escuras do estado moral, em que se achava a população christã em Goa e fóra d'ella. O primeiro Prelado d'esta Archidiocese, o Sr. D. João d'Albuquerque, afflicto e mortificado com a facilidade, para não lhe chamarmos corrupção de costumes, que observava por toda a parte, reconhecia que elle não tinha os meios para a reprimir e curar. O clero escaceava: o zelo apostolico, que havia conduzido á India os primeiros operarios da grande vinha do Senhor, os frades Franciscanos, tinha consideravelmente diminuido; porque o clima ardente d'este paiz gas-

ta depressa os homens mais robustos, e a obra da prégação da Fé achava-se, não tão estacionada como hoje desgraçadamente se observa, mas em grande decadencia dos seus primeiros e gloriosos resultados.

Com a chegada, porém, d'este novo Apostolo tudo muda de aspecto. O povo procura instruir-se nas verdades da religião, e os costumes experimentam saudavel reforma. Francisco Xavier ensina-lhes o cathecismo, e o simples estudo d'este pequeno compendio das verdades evangelicas é bastante para operar tão saudavel mudança. Quantos homens, que se prezam de sabios, ignoram estas verdades, e na sua ignorancia criminosa como christãos, ostentam um certo desprezo pelas praticas religiosas? O maior *deficit,* Senhores, deixae-me empregar sobre o logar santo esta palavra tão usada, e tão conhecida, o maior *deficit,* que hoje ha em religião, é a falta do cathecismo.

Custa a ouvir esta asserção, *durus est hic sermo, et quis potest illum audire?* [1] Mas é verdadeira. A maior parte dos homens, desde que saem da escola da instrucção primaria, nunca mais abrem o cathecismo, ou cartilha da Religião Christã.

Tendo noticia, que na costa do Malabar, e n'aquella parte hoje conhecida pela costa da Pescaria, assim chamada por antonomasia, por ser alli que se fazia a mais consideravel pescaria das perolas; tendo

[1] S. Joan. Evang. 6, 61.

noticia de que aquelles povos tinham em outro tempo ouvido a palavra de Deus e recebido o baptismo; mas que por falta de Sacerdotes tinham cahido ou na heresia de Nestor, ou na idolatria pagã, Francisco Xavier, inflammado pela sua fé no zelo mais ardente, havendo recebido apenas do Vice-Rei de Goa um par de sandalias novas, parte para aquella costa, e a graça de Deus, que ía com elle, se ostenta em toda a sua gloria e magestade.

Innumeraveis conversões se operam, os seus braços cançam de administrar o sacramento do Baptismo a milhares de neophytos, mas com o seu coração transbordando de alegria, elle não póde deixar de escrever ao seu amigo, collega e superior, Ignacio de Loyola, dizendo-lhe: que havia um operario da grande vinha do Senhor, que no meio dos seus trabalhos recebia do Ceo tantas consolações, que muitas vezes repetia: Basta, Senhor, nem tantas, nem maiores. Este operario era Francisco Xavier, era elle mesmo, mas que por humildade se não quiz nomear.

O Rei de Tranvacor, espantado de que o simples aspecto da cruz de Christo, levantado nas mãos descarnadas de Francisco Xavier, fizesse parar na sua marcha victoriosa a tribu dos Bradogeres, consente, que elle prégue no seu reino a doutrina christã, e que seus vassallos abracem o christianismo. De toda a parte correm os povos idolatras, ou infeccionados

na heresia a ouvir a palavra inspirada d'este homem tão extraordinario, e o reino de Deus se extende pelo Maduré, pelos paizes de Cochim, Coulão e Cranganor.

Mas, durante estes triumphos para o Evangelho, o seu coração era mortificado pelos grandes abusos, que elle observava nos que, devendo secundar os seus trabalhos apostolicos, eram causa de serem perdidos todos os esforços, que elle empregava.

Parece-me, escrevia Francisco Xavier em uma das suas cartas a El-Rei o Senhor D. João III, parece-me que ouço a voz dos Indios levantar-se d'esta terra para o Ceo, queixando-se amargamente, que de todas as riquezas, com que elles teem enriquecido o thesouro real, se tenha empregado tão pouco nos auxilios da Religião.

E ainda hoje é esta a queixa constante de todos aquelles, que teem succedido a Francisco Xavier no exercicio do seu ministerio sagrado. A falta de meios necessarios é o maior obstaculo e a mais valiosa objecção que tem e se faz á conservação do Padroado portuguez nas Indias Orientaes.

Voltando do golpho de Cambaia, Francisco Xavier não póde entrar já na barra de Goa, e foi levado ao reino de Tranvacor, na costa do Malabar, e vendo que Deus o destinava a percorrer todos os mares da India, visita em Meliapor o tumulo glorioso do Apostolo S. Thomé, e embarca para Malaca. Foi

durante esta peregrinação apostolica, que tivera logar o famoso e bem conhecido milagre do Crucifixo da missão, que se guarda e venera, como preciosa reliquia, na casa dos Marquezes da Ribeira Grande, em Portugal.

O Rei de Utale recebe o baptismo, e Deus abençôa os trabalhos do seu Apostolo na ilha de Ternate e no resto das Molucas, confundindo por este modo os conselhos de alguns homens, que pertendiam afastal-o de fazer esta viagem. Mas quem sois vós, lhes disse Xavier; mas quem sois vós, para querer pôr limites á omnipotencia da graça de Nosso Senhor? Se houvesse esperança d'encontrar alli canas de assucar ou minas d'ouro, eu não iria só.

Em 1549, Francisco Xavier emprehende a conversão do imperio do Japão, e consegue lançar n'aquelle imperio os fundamentos da Egreja portugueza, que cimentada com o sangue de tantos martyres portuguezes, ficou com a bella cathedral de Funay perdida para sempre para Portugal, em virtude da triste concordata de 1857.

Dois annos e quatro mezes se demorou Xavier no Japão: e tendo voltado a Goa em 20 de Novembro de 1551, e organizado, do modo que lhe foi possivel, as missões da India, elle parte para a China, acompanhado de uma Embaixada, que mandára o Vice-Rei de Goa ao Celeste Imperio. Presagiava tudo o exito mais feliz, e agouravam todos o complemento da em-

preza mais gloriosa do seu apostolado. Francisco Xavier chega a Malaca, mas o Governador portuguez d'aquella praça, bem longe de obedecer ás ordens do Vice-Rei, e dar ao Santo Missionario todo o auxilio, que fosse necessario, prohibe, que a embaixada siga viagem para a China. Quem poderia acreditar este facto, se a historia se não tivesse encarregado de o registar de um modo incontestavel?

Não pergunteis, Senhores, d'aqui em diante, porque o imperio portuguez, no Oriente, se desmantelou mais depressa, do que elle foi fundado. Hoje é impossivel desconhecer as causas poderosas e verdadeiras da sua quasi completa ruina, e que eu deixarei de enumerar, por ser este objecto estranho ao meu assumpto.

Francisco Xavier, porém, não abandonou a sua empreza tão gloriosa, e partindo para a China acompanhado d'um só Religioso, foi desembarcar na ilha de Sanchão, proximo da cidade de Cantão. Alli começou a preparar-se para entrar no grande imperio, o maior da Asia, e o mais antigo do mundo. Aos que lhe representavam a grandeza das difficuldades, ou antes a impossibilidade da empreza, respondia, olhando como Moysés para a terra promettida: Se Deus fôr em nosso favor, quem poderá oppôr-se? [1]

[1] S. Paul. Epist. ad Rom.— Si Deus pro nobis; quis contra nos?

Mas Deus queria dar por acabados os trabalhos do seu Apostolo. Não disse bem, Senhores, Deus queria recompensar no Ceo e sobre a terra os serviços do seu Servo, fazendo a sua alma eternamente feliz, e o seu tumulo para sempre glorioso. Francisco Xavier, morrendo como tinha vivido, deixou esta terra de lagrimas e amargura, em 2 de Dezembro de 1552. Depois de S. Paulo, não ha outro Missionario evangelico, outro Apostolo, que tenha na conversão das almas prestado maiores serviços á santa sociedade christã; e os proprios inimigos do instituto religioso, que produziu um homem tão celebre e extraordinario, não pronunciam o nome de Francisco Xavier sem grande admiração, nem passam por diante do seu tumulo sem descobrirem a cabeça.

Tal é a força da verdade. Se o illustre auctor da Estatistica das possessões ultramarinas portuguezas escrevendo sobre Goa, disse: — Se a abolição completa de todas as ordens religiosas em Portugal é assumpto, que admitte controversia quanto á sua utilidade ou conveniencia, a extincção das casas religiosas na India não está no mesmo caso. — Se elle viesse a Goa, não, elle não se atreveria a formular diante d'aquelle tumulo glorioso uma asserção tão gratuita como irreflectida.

Se o imperio portuguez no Oriente tomou taes proporções, que espantou o mundo, não foi só a espada do soldado, que o conquistou: a Cruz do Missionario fez conquistas maiores e mais duradouras, e, digamos tambem, mais gloriosas; porque se houve algum sangue derramado, não foi o dos infieis, foi o do Missionario, sacrificado pelos infieis: a civilisação christã, que elles implantaram, ainda dura, e se acaso sobre as ameias dos castellos e fortalezas d'este grande imperio já não tremula a sagrada bandeira das Quinas Portuguezas, nos templos e nas cathedraes de Goa, Cranganor, Cochim, Madrasta, Malaca e Macau ainda está arvorada, por mãos portuguezas, a Cruz da Redempção.

Glorioso Apostolo das Indias Orientaes, Protector do Real Padroado, vós pelas vossas virtudes, pelos vossos trabalhos evangelicos, pelos vossos serviços feitos a Portugal, sois considerado como chefe das Missões portuguezas na India, como padroeiro religioso das Egrejas Cathedraes em toda a Asia e na China, como guia, exemplar e luz, que devem ainda hoje seguir os nossos Missionarios.

O povo portuguez da India, da Asia, da Europa, de todo o mundo christão reconhece a vossa gloria e celebra o vosso nome, e quando eu vejo reunido n'este templo consagrado á vossa memoria, e em volta do vosso tumulo tão glorioso os nobres descendentes d'aquelles, que vos acompanharam na conquista portugueza: quando eu vejo a piedade edificante, com que as primeiras auctoridades d'este Estado, ou depondo entre vossas mãos o bastão do com-

mando, ou ajoelhando reverentes diante da sagrada reliquia do vosso corpo, vos tributam os cultos, que a Egreja tem decretado aos seus heroes, o meu coração de portuguez exulta de alegria, e o meu espirito de sacerdote catholico louva a Deus, meu Salvador, por esta homenagem tão sincera, como edificante e magestosa.

No meio, porém, d'esta satisfação, que inunda a minha alma, sinto eu uma nuvem negra, que pésa sobre o meu coração, um pezar que muitos dos meus ouvintes não podem tambem deixar de sentir. Falta aqui alguem para maior brilho d'esta solemnidade, falta o nosso Prelado, o Pae espiritual d'este povo, o Enthusiasta dos vossos trabalhos, glorioso Apostolo das Indias Orientaes, que vos procurou imitar, e que em um dia como este vos pediu a vossa protecção para a visita pastoral, que ía fazer ás costas do Malabar e Coromandel, e que mais tarde extendeu, seguindo os vossos passos, a Ceylão e Bengala. Tornaremos nós a vêl-o sentado n'aquelle solio Archiepiscopal? Não sei, mas sabe-o Deus, que tudo conhece, sabeis vós tambem, que estaes junto de Deus, onde recebeis os cultos, que vos são tributados, e onde sereis tambem o nosso intercessor, interpondo o vosso valimento a favor do nosso Reino de Portugal e mais possessões, a favor d'El-Rei o Senhor D. Luiz I, e de toda a Real Familia, a favor do Excellentissimo Sr. Governador Geral, e de todas as

Auctoridades de Goa, a favor do Clero e Povo de Goa, a fim de que, cumprindo nós com os nossos deveres de christãos durante a vida, sejamos felizes, como vós, depois da morte, e ditosos na vossa companhia lá no Ceo, o que a todos desejo.

Disse.

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA NA

SÉ PRIMACIAL DE GOA

NAS SOLEMNES EXEQUIAS DO EXCELLENTISSIMO
E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FR. MANUEL DE S. GALDINO

VIGESIMO QUARTO ARCEBISPO DE GOA, METROPOLITA
E PRIMAZ DO ORIENTE

MANDADAS FAZER POR SEU SUCCESSOR

O EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D. JOÃO CHRYSOSTOMO D'AMORIM PESSOA

EM 4 DE DEZEMBRO DE 1867.

ORAÇÃO FUNEBRE

NAS SOLEMNES EXEQUIAS DO EXCELLENTISSIMO
E REVERENDISSIMO SENHOR

D. Fr. MANUEL DE S. GALDINO

ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOA, PRIMAZ
DO ORIENTE.

Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem. Sapientiam ejus enarrabunt gentes, et laudem ejus enuntiabit Ecclesia.

A sua lembrança não se extinguirá, o seu nome será repetido de geração em geração. Os povos louvarão a sua sabedoria, e a Egreja publicará o seu merecimento.

ECCLESIAST. XXXIX, 13, 14.

Na extensa e maravilhosa cadêa dos destinos humanos ha muita grandeza, que acaba, ha muito nome, que esquece, ha muita gloria, que não passa além do tumulo do homem, que fôra julgado glorioso. — Ex.mo e Rev.mo Sr. — Na extensa e maravilho-

6

sa cadêa dos destinos humanos ha muita grandeza, que acaba, ha muito nome, que esquece, ha muita gloria, que não passa além do tumulo do homem, que fôra julgado glorioso. Eu passava, diz o Propheta Rei, eu passava, e vi o impio summamente exaltado, vi que elle se elevava sobre os outros homens, como o encorpado cedro do Libano se eleva sobre os arbustos humildes do valle; mas quando eu voltava, já o não pude encontrar, nem conhecer o logar, onde tanto se havia exaltado. *Transivi, et ecce non erat.*[1]

A grandeza, que teve por base a soberba humana; o nome, que só fôra escripto com o sangue dos vencidos na historia d'uma guerra injusta; a gloria, que foi manchada pelas paixões abjectas e criminosas, essa grandeza acabará depressa, esse nome será esquecido no correr dos seculos e na clemencia dos povos, essa gloria não passará além do tumulo, nem durará senão até ao dia, em que seja revelado o falso brilho que a cercava, e nos deslumbrava. Collocada no terreno movediço das paixões, do egoismo e dos interesses materiaes, não tendo por fim nem a patria, nem a virtude, nem a religião, ella não poderá resistir ao tempo, instrumento poderoso de que Deus se serve para extremar no mundo o vicio da virtude. *Transivi, et ecce non erat.*

[1] Psalm. XXXVI, 36.

Ha, porém, uma grandeza, que não acaba, ha nomes, que não esquecem, ha uma gloria, que não passa, e que o tempo torna mais bella e admiravel á proporção que o centro dos seus raios se afasta da nossa vista. Alicerçada na virtude, sustentada pela mão de Deus, admirada por todos os que estudam a historia dos destinos da humanidade, essa gloria terá no tempo a duração do tempo, e diante do Eterno a duração da eternidade.

Mas são poucos, e bem raros aquelles, que teem direito a tão feliz herança, e na triste confusão em que hoje se encontram os pareceres dos homens, e n'este seculo de descrença politica e religiosa, n'este seculo em que os espiritos, que se dizem fortes, são arrastados miseravelmente pelo vento impetuoso das falsas doutrinas, de que o Apostolo já prevenira os habitantes de Epheso,[1] n'este seculo são ainda menos, mais raros, e por este motivo mais admiraveis esses homens.

Na sociedade portugueza, porém, das Indias Orientaes não terá havido n'este seculo algum d'esses homens, dos quaes a sua grandeza ainda dure, o seu nome seja repetido com respeito e saudade, e a sua gloria se tenha perpetuado e chegado até nós, até este dia, até esta hora, em que estou fallando na vossa presença? Não terá havido um homem, que na

[1] S. Paul. ad Ephes. IV, 14.

sua morte, e quando as paixões mesquinhas já não teem objecto, nem logar, reunisse em seu favor os suffragios de todos os ficis d'esta Archidiocese? Será necessario, que eu o traga á vossa lembrança, pronunciando o seu nome?

Não, Senhores, vós sois portuguezes, vós sois justos, vós possuis nobres sentimentos; e n'esta hora, e na presença d'este tumulo; n'esta hora e na presença dos ministros da religião aqui congregados; n'esta hora e diante do apparato funebre que nos cerca, tendes um nome na memoria, e uma saudade no coração; vós todos sabeis, que se celebra hoje a solemne exhumação dos restos mortaes do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino, vigesimo quarto Arcebispo d'esta Archidiocese Primacial do Oriente. O tristibundo dobrar dos sinos, o plangente psalmear do Clero, a pompa funebre d'este acto, tudo nos está dizendo, que nós prestamos n'esta hora saudoso tributo de respeito e admiração a este Prelado illustre pela sua piedade, mais illustre ainda pelo seu zelo e preclarissimo pela sua caridade.

Tudo nos mostra e está dizendo, que a sua grandeza não acabou, que o seu nome não esqueceu, que a sua gloria ainda dura, e que os ficis d'esta diocese louvam a sabedoria do seu governo, e que a Egreja publica o seu merecimento. *Non recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem. Sapientiam ejus enarrabunt gentes, et laudem ejus enuntiabit Ecclesia.*

E será este todo o assumpto d'esta oração funebre consagrada á memoria de um Prelado tão saudosamente lembrado.

Obediente á voz de quem me rogou, podendo mandar-me, foi só por obedecer, que eu me tenho encarregado do elogio funebre de tão grande Varão, na presença d'um auditorio tão respeitavel e tão respeitado: foi só por obedecer, que acceitei uma empreza, que julgo superior ás minhas forças, e mais digna e vantajosamente poderia ser desempenhada por algum dos meus illustres collegas, a quem o mesmo magnanimo Prelado tivesse ordenado de sacerdote.

Farei, porém, o que me fôr possivel; e a grandeza do objecto, a presença do dignissimo Successor de tão eximio Prelado, a reconhecida bondade do Excellentissimo Senhor Governador Geral, e a vossa benevolencia, supprindo a minha incapacidade, relevarão quaesquer defeitos, que possa haver no discurso, que já principio.

Senhores: — Ha homens para quem a verdade é o phantasma que os fascina, o dever, o objecto, que os encanta, e a justiça o desejo, que os céga: e estes homens podendo ser talvez celebres na historia, não serão nunca nem grandes nem gloriosos entre as gerações, que os temem, e por aquellas que vão repetindo seu nome, como symbolo do orgulho, d'ambição e da injustiça.

Não pertencia certamente a este genero de homens o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino.

Nascido na capital da monarchia portugueza, e dedicando-se desde seus primeiros annos ao estudo e á pratica da virtude, que tão necessaria é aos que estudam e desejam adiantar-se no caminho da verdadeira sabedoria, nós sabemos, que elle abraçára o instituto religioso do Patriarcha dos pobres na mais reformada das suas provincias em Portugal. A sua humildade, porém, não consentiu, que elle procurasse transmittir á posteridade nem os titulos da sua nobreza, se porventura os possuia, nem os rapidos progressos, que fizera no conhecimento das verdades santas da religião Christã. Não sabemos cousa alguma da sua vida particular, que fôra sem duvida passada em grande parte ou na aula, ou no estreito cubiculo

do convento, ordinaria habitação de um Frade Arrabido.

Mas este silencio da historia tem alguma cousa de solemne e de maravilhoso.

Deus, nos decretos insondaveis da sua Providencia sempre adoravel, quiz sem duvida, que o nosso illustre Prelado não se offerecesse á nossa contemplação, senão como principe da Egreja, para que a nossa admiração fosse maior, vendo surgir da obscuridade do claustro d'Arrabida uma luz tão brilhante, um homem tão illustre no seu zelo, na sua piedade, na sua caridade.

E com effeito, Senhores, no verdor da mocidade, na primavera ainda da sua vida, na vigorosa edade de 32 annos, o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino apparece á face da Egreja Catholica sobre o solio da antiga cathedral de Tonkim, que a Corôa Portugueza viu perder do seu Padroado na China, para nunca mais lhe ser restituida, tendo o nosso Prelado de passar pelo grosso e amargo dissabor de annunciar aos fieis da sua diocese tão triste e lamentavel perda.

« Cheguei a Macau em 7 de Setembro, escrevia o « Excellentissimo Prelado ao Vigario Apostolico Fr. « Ignacio Delgado, da Ordem dos Prégadores, che- « guei a Macau em 7 de Setembro de 1803, cha- « mei os procuradores Tonkinezes, Paulo Maria e « João Xavier, declarei-os scismaticos, neguei-lhes

« a minha communhão, expliquei-lhes os seus er-
« ros, achei-os doceis, e d'ahi a poucos dias vieram
« abjurar; e eu em nome da Egreja e de Vossa Ex-
« cellencia acceitei a abjuração, e os abracei cordeal-
« mente. »[1]

Meditae, Senhores, e pesae bem na balança da vossa prudencia, regulada pelo fiel do sentimento portuguez, quanto deveria ser custoso ao nosso Venerando Prelado este tão duro modo de proceder? Mas elle era um Prelado Catholico e Portuguez, e não podia deixar de se conformar com o que o Governo de Portugal e a Côrte de Roma tinham concordado a este respeito. — Chamae-lhe propagandista, se quereis; mas lembrae-vos, que é esta a triste e dura condição dos Prelados no Real Padroado do Oriente desde muitos annos, e condição que cada dia mais se vae aggravando.

Quereis vós saber, quereis vós, que eu vos explique as causas de tão triste situação, que enche de magoa todos quantos se prezam de serem portuguezes, e se dão ao estudo da historia das nossas passadas glorias na Asia? Não posso, não devo, nem sei explical-as todas; porque são muitas, e muito melindrosas. A verdadeira historia do Padroado portuguez nas Indias Orientaes e na China ainda está por escrever; porque até agora não tem apparecido

[1] Manuscripto inedito.

quem saiba, ou quem possa escrevêl-a, como ella deve ser escripta.

Deixae, porém, que falle por mim o illustre Prelado sobre materia tão importante. A campa, que cobre os seus restos mortaes não deixará chegar ao seu conhecimento sobre a terra as immerecidas censuras de quem nada sabe sobre negocio tão delicado, e de tudo procura dizer mal.

« Um engano, diz elle, um engano fez, que me
« nomeassem bispo de Tonkim; pois pozeram na car-
« ta da nomeação Tonkim em logar de Nankim, pa-
« ra onde me queriam nomear. O Nuncio Apostolico
« de Portugal, o Cardeal Pacca, fez logo officio, de-
« clarando que Roma não me confirmaria; porque
« não queria comprometter-se mais com a Hespanha
« e com a França . . . .

. . . .

« Aconteceu chegar ao mesmo tempo a renuncia de
« D. Marcelino, e sem se lembrarem mais de Nankim,
« nomearam-me para Macau; porém, n'estas duvi-
« das gastou-se mais de mez e meio, em que eu tra-
« tava os Tonkinezes de Lisboa como meus filhos

. . . .

« Isto com a certeza, que eu tinha, de que Portugal
« não dava importancia á disputa vã do direito do Pa-
« droado, e que ainda que lhe importasse, nada con-
« seguia, e mesmo quando conseguisse, era titulo
« *sine re;* tudo isto, digo, e a pena de ver perecer

« por um capricho tantas mil almas, me resolveu a
« fazer as diligencias para reduzil-as á obediencia
« dos Vigarios Apostolicos, ao menos em quanto a
« questão se não decidisse na Europa, que é o mes-
« mo que dizer para sempre. »

Ainda mais. Ouvi, Senhores, o que este Prelado dizia na sua carta ao Bispo de Tonkim: « Os Jan-
« senistas de Lisboa, porque tambem lá os ha, fize-
« ram quanto poderam, para que mesmo de Macau
« eu propagasse o scisma, ordenando gente para a
« missão portugueza de Tonkim, e estabelecendo um
« pequeno Seminario, chamado de Tonkinezes em
« Macau, para o que se me dariam meios; mas eu
« já estou muito instruido da verdade, para me dei-
« xar cair no laço. »

Agora, Senhores, só vos direi com o Evangelho: *Audite, et intelligite.*

Não soffre, em verdade, um elogio funebre, que eu faça mais amplas citações das proprias palavras d'este Prelado tão respeitavel, que logo no começo da sua vida episcopal dera tantas provas da sua coragem apostolica, e do seu zelo, como Pastor do rebanho espiritual, que Deus e a Egreja lhe haviam confiado.

Transferido, porém, para o bispado de Macau, elle emprehendeu alli sabias e uteis reformas, no Cabido, no convento de Santa Clara, no collegio de S. José, e na visita das missões. Disse ao Rei sempre

a verdade; mas com isto attrahiu sobre si os tristes effeitos da má vontade de alguns Ecclesiasticos, a favor dos quaes elle trabalhava, cohibindo-lhes os abusos, e chamando-os ao cumprimento dos seus deveres.

A poesia é quasi irmã da prophecia, e o poeta romano tinha dito: *veritas odium parit.*

Deus, porém, queria, que o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino representasse as scenas gloriosas do seu evangelico apostolado sobre um theatro mais nobre, mais elevado, mais vasto, mais interessante e mais glorioso á patria e á religião. Elle foi proposto pela Corôa portugueza, e confirmado pela Sé apostolica para Coadjutor e futuro successor do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de Santa Catharina, que achando-se em avançada edade, repetidas vezes havia solicitado do Governo portuguez, que mandasse quem o substituisse ou ajudasse no governo de uma diocese, que requer um homem vigoroso, e que não devia estar um só dia sem Prelado proprio e sagrado, como sendo a base e o centro de todo o Real Padroado na India, na China, na Africa Oriental e na Oceania.

E o Governo portuguez, bem informado das qualidades e virtudes do Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino, propondo á Santa Sé a sua transferencia, attendeu por este modo á justa reclamação d'um Pre-

lado, que tantas provas havia dado no governo d'esta Archidiocese da sua bondade e da sua paciencia; mas que, pela falta de forças em tão avançada edade, não podendo já governar por si, havia entregado a direcção do arcebispado e da sua casa a alguem, que infelizmente se servíra d'ella mais para os seus interesses particulares, e para a sua influencia pessoal, do que para soffrer as censuras e calumnias, que de ordinario são o triste apanagio de quem, cumprindo o seu dever, conserva a auctoridade ecclesiastica no logar de independencia e de liberdade d'acção, que ella deverá sempre ter, para ser forte, respeitada e proveitosa aos fieis.

E quaes foram os actos, que praticou o Excellentissimo Coadjutor, apenas chegou a esta Archidiocese, em 14 de Março de 1806? Deu logo provas do seu zelo na visita, que foi mandado fazer á comarca de Salcete, d'um zelo que vós chamareis talvez indiscreto; mas que sobre esta cadeira da verdade eu chamarei zelo evangelico; zelo santo, que devorava o seu coração pela gloria da casa do Senhor. E porque posso e devo eu chamal-o assim? Porque as sagradas paginas me auctorizam a dar-lhe este nome; porque este zelo, na expressão do Propheta Rei, attrahiu sobre o digno Coadjutor as queixas, a falta de respeito e o opprobrio dos que dizendo-se Christãos, não queriam obedecer ás leis da Egreja, nem seguir os caminhos da perfeição chris-

tã. — « *Zelus domus tuae,* repetia algumas vezes o illustre Prelado, *zelus domus tuae comedit me, et opprobria exprobrantium tibi ceciderunt super me.*[1]

No dia, porém, 10 de Fevereiro de 1812, teve logar a sentida morte do Senhor D. Fr. Manuel de Santa Catharina, cujo defeito unico como Prelado, se isto póde algumas vezes chamar-se defeito, era uma bondade excessiva. Mas é certo, que a disciplina d'esta Archidiocese se havia muito resentido da sua falta de forças para governal-a, como já vos disse: e na Asia, geralmente fallando, a falta d'energia é um grande mal para os governantes e para os governados. A natural indolencia dos que habitam as regiões intertropicaes, se não é excitada pela auctoridade que os governa, tem tido sempre os mais desastrosos effeitos, e na India tinha vivido alguns annos, quem dissera:

« Que um fraco Rei faz fraca a forte gente. »[1]

A este mal, que se tinha arreigado e crescido com o tempo, era necessario oppôr remedio prompto e efficaz, e o nosso illustre Prelado não se assustou ao sondar a ferida profunda da falta de disciplina, que affligia o Clero e os Fieis, confiados ao seu pastoral

[1] Psalm. LXVIII, 10.
[1] Lusiadas, Canto 3.º, Est. CXXXVIII.

cuidado, nem receou entrar em tão espinhosa empreza, como é a reforma de costumes em uma diocese na India. Era o Espirito do Senhor, que o animava, era o zelo pela gloria da casa de Deus, que o devorava, que o tornaram forte, e elle não hesitou um só instante, sabendo, como está escripto, que a reforma dos Fieis deve sempre ser precedida da reforma dos Sacerdotes.

Sabia tambem, que tinha a vencer grandes difficuldades, e a soffrer grossos e numerosos dissabores: sabia o que a este respeito tinha acontecido aos Prelados mais respeitaveis do Catholicismo, a S. João Chrysostomo, em Constantinopla; a Santo Athanasio, em Alexandria; a S. Carlos Borromeo, em Milão. Sabia, e não hesitou em tentar a obra difficil e melindrosa da regeneração moral de um povo.

E desejaes vós as provas d'esta verdade? Quereis exigir de mim, que, uma por uma, as refira todas n'esta hora? Não póde ser; porque a enumeração d'ellas não cabe nos estreitos limites d'uma Oração funebre, e tambem não é meu desejo cançar por muito mais tempo a vossa tão benevola attenção.

Lêde, porém, na collecção das suas pastoraes as opportunas medidas de rigor, que elle tomou contra a falta d'applicação aos estudos ecclesiasticos, e contra muitos abusos, que infelizmente se tinham introduzido n'esta Archidiocese. Lêde a sua pastoral de 31 de Agosto de 1812, a de 30 de Abril de 1813,

e a de 26 de Outubro do mesmo anno, escripta e datada em Ansolná pela sua propria letra, e para ser lida ao seu Clero nas conferencias, e a qual ainda hoje o nosso Excellentissimo Prelado tem mandado copiar a alguns ecclesiasticos para seu conhecimento e correcção.

Não se extendia, porém, o zelo do Excellentissimo Prelado só ao seu Clero; os fieis d'esta Archidiocese tambem conheceram e experimentaram os seus maravilhosos effeitos; porque o Primaz do Oriente, na esphera da sua jurisdicção espiritual, então mais larga do que hoje é, compelliu a muitos a abandonarem o caminho errado que levavam na estrada da salvação eterna; e quando da parte de alguem achava resistencia, encontrou sempre apoio certo na auctoridade civil, que o devia proteger, como protectora que é da Egreja Catholica.

Seja prova d'esta verdade a portaria de 16 de Maio de 1803, dada em Relação pelo Excellentissimo Senhor Governador e Capitão General Francisco Antonio da Veiga Cabral, em um requerimento de recurso de Paulo José Veiga de Curtorim, queixando-se da excommunhão, com que o ameaçava o Excellentissimo Prelado D. Fr. Manuel de Santa Catharina, por se não ter desobrigado dos preceitos annuos: — « *o supplicante*, diz aquella portaria, *é ingrato, per-* « *turbador do socego publico, petulante e rabula.* »

Tendo fallado do zelo do Excellentissimo e Re-

verendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino, que direi agora da sua piedade?

Ha uma certa escola, que infelizmente conta hoje numerosos discipulos, cujas doutrinas são inteiramente desfavoraveis á pratica das virtudes religiosas e á da perfeição evangelica. Se o homem christão tem uma fé mais viva, mais ardente, e dá publico testemunho d'ella, chamam-lhe fanatico!... Se elle procura no retiro e na humildade seguir uma vida mais reconcentrada, frequentando a casa de Deus e os seus Sacramentos, e fugindo d'aquellas assembléas, que só tem por fim o divertimento e o gozo dos prazeres mundanos, dizem que é beaterio, bigotismo e hypocrisia este modo de proceder!

E ha homens, Senhores, que na sua fraqueza, e na sua miseria temem ser por este modo e por este motivo escarnecidos; e na pratica das virtudes christãs, e no cumprimento dos seus deveres religiosos, ou se mostram frouxos, ou infelizmente deixam de os cumprir. É isto, sim, uma infelicidade, mas é uma verdade.

Não foi assim, nem assim devia ser o nosso Excellentissimo Prelado. Collocado no augusto candelabro da Egreja de Deus, a sua vida devia ser, e foi na verdade, um modelo de piedade e de perfeição christã. Conhecendo o valor da virtude da sobriedade, que tanto nos recommenda o Apostolo S. Pedro — *sobrii estote,* — elle vigiava constantemente o seu

modo de proceder, para que não fosse surprehendido pelos inimigos, que o cercavam. — *Et vigilate quia adversarius vester tam quam leo rugiens circuit, quaerens quem devoret.*[1]

Se algumas vezes a chamma ardente do seu zelo, do zelo que o abrazava, fazia apparecer lavaredas, tão vivas e tão accesas, que espantavam os que de mais perto viviam com elle, era tambem ao brilhante clarão d'essas lavaredas momentaneas, quasi como a claridade do relampago, que se conhecia perfeitamente todo o fundo da sua rectidão e da sua humildade. Se no involuntario arrebatamento do seu espirito o Excellentissimo Prelado mostrava, que era homem; na prompta e publica reparação de qualquer supposto mal, mostrava que era justo e piedoso. Era um homem d'um grande coração, muito preferivel na sociedade aos que só teem um grande espirito.

A virtude da piedade, ou o amor de Deus, nunca lhe foi contestada, porque o não podia ser; foi-lhe antes censurado o seu excesso, levando certo ecclesiastico recurso á Corôa da Pastoral do Venerando Prelado, que obrigava os parochos a fazer diariamente oração mental. Parece-vos incrivel? Pois é um facto, e um facto que tem hoje a publicidade da imprensa.

E como podia ser contestada ao Excellentissimo Prelado a pratica d'esta virtude, quando as muitas

[1] 1.ª Petri, V, 8.

egrejas, que no seu tempo se fundaram, e para a fabricação das quaes elle concorreu no todo, ou em grande parte, são testemunho innegavel d'esta verdade? Esses monumentos escriptos pela mão do artista com a penna do alvião, e levantados á gloria de Deus, ainda hoje existem para confundir quem pretendesse negar ao digno Prelado a virtude da piedade, do amor que elle tinha a Deus, seu Creador, seu Salvador, seu Remunerador.

Ahi estão ainda vivos, e aqui presentes muitos Sacerdotes e Fieis que viram a devoção, com que elle celebrava os augustos mysterios da nossa Religião, e que são sabedores do santo fervor, com que elle se mostrava devoto de Maria Santissima, Mãe de Deus. Não sabem todos, quantos o conheceram, que elle ía annualmente celebrar á Egreja do Areal a festa do glorioso S. José, como especial devoção sua? Ahi estão ainda....

Mas para que mais? Alli, alli está aquella capella, aquelle rico sanctuario, onde se guarda e adora o Corpo de Jesus Christo no Augusto Sacramento da Eucharistia. Vêde-a, Senhores, e vereis a sua obra, e um testemunho singular da sua piedade.

Bem sabia elle que esta virtude é a base essencial da verdadeira felicidade dos povos, muito embora os que dispõem dos destinos das nações pareçam desconhecer hoje este principio, tão necessario no governo.

Bem sabia elle que a piedade une em laço estreito a familia, base constitutiva do Estado, e que sem ella a independencia e autonomia das nações é precaria.

Bem sabia elle que Roma havia perdido a sua liberdade, quando Cicero perguntava: se um Augur podia encontrar-se com outro sem terem vontade de rir; e que a França chegára ao estado mais deploravel de barbaridade e carnificina, quando a Religião Christã foi substituida pelo symbolo da mais infame prostituição.

Sabia tudo isto; e sabia tambem que era seu dever evitar tão grande mal, dando aos fieis não só o pão da verdadeira doutrina, mas tambem famosos e reconhecidos exemplos da piedade christã; e que era a elle e a todos os Prelados e Sacerdotes, que o Senhor manda dar taes exemplos, para edificação dos fieis. — *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*[1]

A piedade, porém, ou amor de Deus é inseparavel do amor do proximo. São dois preceitos por tal modo correlativos, que não póde praticar-se um, sem que se observe o outro. Ninguem os póde separar; porque ninguem póde amar a Deus sem amar ao proximo; nem amar ao proximo sem amar a Deus, do

[1] S. Math. Evang. V, 16.

modo como elle deve ser amado. No seu cumprimento consiste toda a Lei e os Prophetas. — *In his duobus mandatis universa lex pendet et Prophetae.*[1]

E qual foi o modo de proceder do illustre e magnanimo Prelado a este respeito? Qual foi a sua ardente caridade? Que poderei eu dizer d'esta virtude, que elle possuiu em tão subido gráu?

Senhores: está levantado o panno do theatro, onde o Excellentissimo Prelado representou as melhores e mais famosas scenas do seu apostolado na Archidiocese de Goa; e eu que até agora pude seguil-o, descrevendo o seu zelo, e a sua piedade; agora reconheço-me incapaz de o acompanhar descrevendo os maravilhosos effeitos da ardentissima chamma da caridade, que o abrazava. E quem poderá descrevêl-os? Talvez; quem sabe? talvez que entre os meus ouvintes ainda hajam alguns, que por propria experiencia possam attestar esta verdade. Talvez....

Houve, porém, algum infeliz, algum desgraçado, que recorresse ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino, que não fosse soccorrido? Houve? dizei, Senhores, que desejava conhecêl-o. Mas não será facil encontral-o. Falla tu, povo de Goa; vinde vós, descendentes d'essa infeliz familia de Curtorim, a quem o nosso Prelado deu casa, abrigo e conforto no meio da sua miseria e af-

[1] S. Luc. Evang. VI, 22 et 23.

flicção. Mães de familia, que recebestes das suas mãos sagradas o dote para o vosso casamento, vinde dar testemunho da sua caridade. Donzellas, que tendes recebido esmolas para a vossa decente sustentação, vinde dar testemunho da sua caridade. Orphãos, entrevados, cegos, velhos e desvalidos, que tantas vezes fostes soccorridos á porta do palacio de Panelim, vinde dar testemunho da sua caridade. Sacerdotes, que fostes sustentados á sua custa nos Seminarios de Chorão e Rachol, vinde occupar este logar santo, em que me acho, e dar testemunho da sua caridade. Vós todos, indigentes e desvalidos d'este Estado de Goa, que o chamaveis vosso Pae, e que fostes seus herdeiros instituidos por testamento, vinde, vinde todos dar testemunho da sua caridade. Vós.....

Basta, Senhores. O meu espirito está triste e summamente abatido; porque agora cahiu da altura, a que se havia elevado, no lago profundo das mais amargas cogitações. E bem amargas que ellas são!!!... Sim; que ellas o são n'este momento, quando me recordo, que um Prelado de tanto zelo, de tão grande piedade, de tão ardente caridade, fôra victima da ingratidão, da mentira e da calumnia, e chegou a ser perseguido nos tribunaes da justiça secular por.... não sei, Senhores, não sei como de vergonha o possa dizer, pelo seu Clero, pelo Clero que elle tanto amava!... por aquelle mesmo que se havia sentado á sua meza!...

O meu espirito está triste e abatido, quando me recordo, que um Prelado tão virtuoso e exemplar fôra accusado de perturbador do socego publico, pedida em conselho do Governo a sua expatriação, á qual elle voluntariamente se resignára, para não ser victima da injustiça dos homens.

Já Deus os tem julgado a todos.

O meu espirito está triste, quando me recordo que o Pae dos pobres, que morreu pobre, e que deixou os pobres por seus herdeiros, fôra accusado de ter defraudado os bens dos pobres!

Infeliz Archidiocese de Goa, que triste exemplo não déste ao mundo Catholico com estas injustas e falsas accusações?! Que não tornes a fazêl-as, é o meu sincero desejo, e a minha súpplica humilde. Vae n'isto o teu proprio interesse.

Mas era necessario que fosse assim, para que as virtudes e trabalhos apostolicos do nosso Excellentissimo Prelado tivessem o sêllo do verdadeiro merecimento; o merecimento do justo perseguido pela malicia dos homens. Era necessario, que os homens, deixae-me assim expressar, o amaldiçoassem, o perseguissem, o calumniassem na terra, para que o premio da bemaventurança lhe fosse assegurado no Ceo. — *Cum vos oderint homines et separaverint vos, et exprobraverint et ejecerint nomen vestrum, tanquam malum propter filium hominis: gaudete in illa die et exultate, ecce enim merces vestra multa est in cœlis.*[1]

[1] S. Luc. Evang. VI, 22.

E Vós, Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, que tendes mandado celebrar estas tão solemnes e pomposas exequias á memoria do Vosso Illustre Antecessor, pagando assim mais uma divida d'esta diocese para com os Prelados d'ella; Vós que desejaes imitar as virtudes do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manuel de S. Galdino, no seu zelo, na sua piedade, na sua caridade, mas não tocando o tambor e a trombeta, como costuma fazer a vaidade, não estranhareis se os Vossos valiosos trabalhos pelo Real Padroado, se a Vossa solicitude pastoral em tudo, e por tudo, se o Vosso reconhecido desejo de um Clero instruido e virtuoso, como elle deve ser, e convem aos ministros da Religião, fôr algumas vezes mal avaliado. Considerae, eu vos peço, Excellentissimo Senhor, considerae esta injustiça dos homens, como prova da benção do Ceo. *Cum vos oderint homines*....... Na presença d'um tumulo não deve elevar-se o fumo de lisonja; e eu não serei lisongeiro, quando Vos digo com S. Paulo, que se agradasseis a todos os homens, Vós não sereis, como deveis ser, o servo do Senhor: — *Si hominibus placerem, servus Dei non essem.*[1]

Vêde, e meditae, o que tem succedido ao Vosso Illustre Antecessor, na vida e na morte, no passado e no dia de hoje; e vinde em volta do seu tumulo

[1] Galat. I, 10.

espargir a agua da purificação; vinde benzer o incenso da santificação: vinde elevar ao Ceo as Vossas orações pela alma de um Prelado tão respeitavel: vinde lançar-lhe a Vossa santa Benção, e pedir ao Altissimo, que, se a sua alma ainda carece das nossas orações, lhe seja dado por ellas o eterno descanso dos justos.—*Requiem aeternam dona ei Domine.*

Disse.

FIM.